



FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

**U LISBOA** | UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

## **Reabilitar as memórias de uma quinta**

Reabilitação da arquitectura rural, dos modos, dos usos



**Maria Teresa Santos Dias Duarte Félix**

(Licenciada em Estudos Arquitectónicos)

Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador científico: Professora Bárbara Massapina Vaz

Lisboa | FAUL | 2016



Trabalho final de Mestrado realizado segundo o antigo acordo ortográfico.







## Resumo

**Palavras chave** | Reabilitação, Memória, Sustentabilidade, Património Colectivo, Arquitectura Popular / Vernácula, Património Intangível, Turismo Rural, Taipa, Madeira.

Neste trabalho final de mestrado projecta-se a reabilitação de uma quinta familiar situada na cidade de Abrantes, distrito de Santarém.

Esta é uma reabilitação não apenas construtiva, mas também da filosofia, da utilidade e tem como objectivo dinamizar a quinta possivelmente a cidade através da reconstrução e reabilitação de edifícios típicos existentes bem como da conjugação com edifícios contemporâneos, de modo a que todas as valências possam ser realizadas. Na procura de criar uma intervenção aproximada à sustentabilidade e à ecologia. A reabilitação cria novas dinâmicas de actividades e espaços ao longo da quinta que estão interligados através de percursos. A recuperação desta quinta não se destina apenas ao turismo, mas sim também à parte privada da mesma que se tenciona preservar e adequar à vinda de novas gerações.

Deste modo o turismo a criar, para além de promover a reconstrução da quinta produtiva que existia antigamente e de passar a dar a conhecer a mesma aos visitantes, tem como objectivo ser geradora de rendimentos suficientes para a reabilitação da zona privada procurando garantir a sustentabilidade económica da quinta, a sua autosuficiência dentro das principais permissas da reabilitação actualmente. O turismo rural é a grande aposta desta intervenção com a criação de zonas de alojamento de três tipologias diferentes, sendo estas, as ruínas em que os hóspedes se familiarizam com as vivências campestres, as habitações no lago e as habitações nas árvores. A criação da quinta pedagógica é também um dos elementos fortes da aposta do turismo rural e tem como objectivo não só proporcionar ao visitante espontâneo o conhecimento da vida e práticas rurais junto dos animais, mas também efetuar a ligação à rede escolar local, para apoio à vertente educativa. O mesmo acontece com o restaurante que, não só apoiará a área de turismo local, mas também proporcionará à cidade uma maior projecção através da criação de um complexo de apoio à cozinha onde será divulgada a confecção alimentar tradicional e artesanal também numa vertente educacional.

As materialidades utilizadas em todas as construções idealizadas, são as soluções mais ecológicas, sustentáveis, e que se relacionam melhor com o local, sendo elas a taipa e a madeira uma vez que os edifícios da quinta foram essencialmente construídos com estes materiais.

## Abstract

**Keywords** | Rehabilitation, Memory, Sustainability, Collective Heritage, Popular Architecture / Vernacular, Intangible Heritage, Rural Tourism, rammed earth.

This final project, to obtain the Master's Degree, focused on the rehabilitation of a family farm, situated in the city of Abrantes, in the district of Santarém, Portugal.

The principle behind this project is not just based on the constructive aspects, it also focuses on the philosophy and utility to boost and promote the farm, possibly the city itself, by combining the reconstruction and rehabilitation of existing vernacular buildings with contemporary constructions, so that every faculty can be executed in the search a sustainable and ecological intervention. New activities and different areas, linked by pathways, are created throughout the farm. It must be stated that this rehabilitation is not only meant to promote tourism but also to preserve and adequate its private area for the upcoming generations.

The tourism intended to generate will not only create the possibility to promote the reconstruction of the productive farm it once was and introduce it to costumers but also generate sufficient income to renovate the private area and ensure the economical sustainability of the farm and its auto sufficiency.

Rural tourism is the right horse to bet on this intervention with the creation of three lodging areas with different typologies such as ruins, where guests can get acquainted with the countryside lifestyle, lake and tree dwellings. The establishment of an educational farm is another element of this wager in the rural tourism providing visitors with knowledge of the lifestyle and rural practices with animals and having the intent to be linked with the educational network of the city. The restaurant also has a dual purpose, giving support to the local tourism and projection to the city itself with the creation of a culinary centre, where traditional and homemade cooking methods and recipes will be promoted, in and educational perspective.

The materials to be use in every (re)construction are the most ecological, sustainable and vernacular possible for the original buildings where also made of these materials – rammed earth and wood.



## Agradecimentos

Agradeço todo o apoio prestado pela Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz.

Agradeço ao Doutor Helder Santos pela oportunidade de entrevista e a visita à empresa Jular que forneceu várias noções em relação ao material madeira.

Agradeço também o apoio de toda a minha família, em destaque o Tio João Maria Tavares Santos, representante da antiga geração, o Tio António Manuel Montalvo e a prima Patrícia Tavares Santos pelas suas ajudas na reconstrução das memórias deste lugar, e aos meus pais e irmãos por todo o apoio, incentivo e ajuda que me ofereceram na elaboração deste trabalho.

Para a minha Avó Maria José Tavares Santos Dias.



# Índice

1. Introdução	
1.1. Enquadramento do Tema	1
1.2. Objectivos	3
1.3. Problemáticas e Pressupostos do Trabalho	4
1.4. Metodologia	4
2. Estado da Arte	7
3. Temáticas	
3.1. Reabilitação	13
3.2. O Lugar	16
3.3. Arquitectura Vernacular   Arquitectura Popular	19
3.3.1. Arquitectura Popular, Rural em Portugal	22
3.4. Turismo Rural	25
4. Quinta da Samarra	
4.1. Contextualização Histórica	29
4.1.1. História de Abrantes	29
4.1.2. Quinta da Samarra	29
4.1.3. Papel da Quinta da Samarra na cidade de Abrantes	31
4.1.4. Arquitectura popular	32
4.2. Materialidades	32
5. Proposta de Intervenção	39
5.1. Programa	42
6. Considerações Finais	57
7. Referência Bibliográficas	63
8. Anexos	65

## Índice de Imagens

- Fig. 1 | “Casas Caiadas”. Fonte: Archdaily
- Fig. 2 | “Casa no Tempo”. Fonte: Archdaily
- Fig. 3 | “Nogueiras House”. Fonte: Archdaily
- Fig. 4 | “Sobreiras, Alentejo Country Hotel”. Fonte: Archdaily
- Fig. 5 | “Pedras Salgadas, Eco-Resort”. Fonte: Archdaily
- Fig. 6 | Quinta de Pentieiros. Fonte: lagoas.cm-pontedelima.pt
- Fig. 7 | Punta Pite. Fonte: Archdaily
- Fig. 8 | “METI school”. Fonte: anna-heringer.com
- Fig. 9 | Piscina Municipal, Toro. Fonte: Archdaily
- Fig. 10 | “ The Great Wall”. Fonte: Archdaily
- Fig. 11 | Castelo dos Mouros. Fonte: portaldojardim.com
- Fig. 12 | Tree house Mmp architects. Fonte: Archdaily
- Fig. 13 | Tree house Andreas Wenning. Fonte: Archdaily
- Fig. 14 | “Kekkapää Stables”. Fonte: Archdaily
- Fig. 15 | “Equestrian Centre”. Fonte: Archdaily
- Fig. 16 | “Petting Farm”. Fonte: Archdaily
- Fig. 17 | Vista sobre Abrantes. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 18 | Castelo de Abrantes. Fonte: panoramio.com
- Fig. 19 | Centro Histórico de Abrantes. Fonte: leme.pt
- Fig. 20 | Igreja São João Baptista. Fonte: origens.pt
- Fig. 21 | Abrantes vista da quinta. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 22 | Vivências na quinta. Fonte: fotografia cedida pela família
- Fig. 23 | Vivências na quinta. Fonte: fotografia cedida pela família
- Fig. 24 | Vivências na quinta. Fonte: fotografia cedida pela família
- Fig. 25 | Vivências na quinta. Fonte: fotografia cedida pela família
- Fig. 26 | Vivências na quinta. Fonte: fotografia cedida pela família
- Fig. 27 | Vivências na quinta. Fonte: fotografia cedida pela família
- Fig. 28 | Vivências na quinta. Fonte: fotografia cedida pela família
- Fig. 29 | Vivências na quinta. Fonte: fotografia cedida pela família
- Fig. 30 | Recibo Lagar | séc. xx. Fonte: Objecto cedido pela família; fotografia da autora
- Fig. 31 | Planta Cadastral | anos 50. Fonte: Direcção Geral do Território
- Fig. 32 | Característica casa abrantina. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 33 | Característica casa abrantina. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 34 | Característica casa abrantina. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 35 | Característica da taipa. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 36 | Estrutura cobertura em madeira. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 37 | Utilização da cal. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 38 | Utilização da taipa. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 39 | Construção em taipa. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 40 | Recuperação incorrecta de um muro de taipa. Fonte: fotografia da autora
- Fig. 41 | Ferramentas para construção em taipa. Fonte: PUCP-FAU 2012-2 Prof. S. Rodriguez-Larraín, J. Vargas, T. Montoya | SEMINARIO DE ARQUITECTURA EN TIERRA Arquitectura histórica, vernácula y contemporánea.
- Fig. 42 | Método de construção em taipa. Fonte: PUCP-FAU 2012-2 Prof. S. Rodriguez-Larraín, J. Vargas, T. Montoya | SEMINARIO DE ARQUITECTURA EN TIERRA Arquitectura histórica, vernácula y contemporánea.

Fig. 43 | Método de construção em taipa. Fonte: PUCP-FAU 2012-2 Prof. S. Rodriguez-Larraín, J. Vargas, T. Montoya | SEMINARIO DE ARQUITECTURA EN TIERRA Arquitectura histórica, vernácula y contemporánea.

Fig. 44 | Método de construção em taipa. Fonte: PUCP-FAU 2012-2 Prof. S. Rodriguez-Larraín, J. Vargas, T. Montoya | SEMINARIO DE ARQUITECTURA EN TIERRA Arquitectura histórica, vernácula y contemporánea.

Fig. 45 | Método de construção em taipa. Fonte: PUCP-FAU 2012-2 Prof. S. Rodriguez-Larraín, J. Vargas, T. Montoya | SEMINARIO DE ARQUITECTURA EN TIERRA Arquitectura histórica, vernácula y contemporánea.

Fig. 46 | Método de construção em taipa. Fonte: PUCP-FAU 2012-2 Prof. S. Rodriguez-Larraín, J. Vargas, T. Montoya | SEMINARIO DE ARQUITECTURA EN TIERRA Arquitectura histórica, vernácula y contemporánea.

Fig. 47 | Toros de madeira. Fonte: jular.pt

Fig. 48 | Vigas madeira maciça. Fonte: jular.pt

Fig. 49 | Mdf. Fonte: jular.pt

Fig. 50 | Madeira lamelada colada. Fonte: jular.pt

Fig. 51 | Mapa cidade de Abrantes. Fonte: googlemaps.com

Fig. 52 | Paisagem quinta. Fonte: fotografia da autora

Fig. 53 | Paisagem quinta. Fonte: fotografia da autora

Fig. 54 | Paisagem quinta. Fonte: fotografia da autora

Fig. 55 | Paisagem quinta. Fonte: fotografia da autora

Fig. 56 | Implantação quinta da Samarra. Fonte: desenho da autora

Fig. 57 | Habitação principal | anos 50. Fonte: fotografia cedida pela família

Fig. 58 | Habitação principal | anos 70. Fonte: fotografia cedida pela família

Fig. 59 | Habitação principal | actualidade. Fonte: fotografia da autora

Fig. 60 | Esquema construção habitação principal. Fonte: desenho da autora

Fig. 61 | Tulhas | anos 50. Fonte: fotografia cedida pela família

Fig. 62 | Exemplo ruína de habitação. Fonte: fotografia da autora

Fig. 63 | Lagar. Fonte: fotografia da autora

Fig. 64 | Lagar. Fonte: fotografia da autora

Fig. 65 | Implantação quinta da Samarra | Proposta. Fonte: desenho da autora

Fig. 66 | Esquisso “casa no lago”. Fonte: desenho da autora

Fig. 67 | Esquisso “casa na árvore”. Fonte: desenho da autora

Fig. 68 | Esquisso estrutura de madeira | Quinta pedagógica. Fonte: desenho da autora

Fig. 69 | Esquisso estrutura de madeira | Miradouro. Fonte: desenho da autora

Fig. 70 | Esquisso (perspectiva e corte) | zona turismo “casas no lago” & piscina biológica. Fonte: desenho da autora

Fig. 71 | Casa Principal. Fonte: Fotografia da autora

Fig. 72 | Casa Principal. Fonte: Fotografia da autora

Fig. 73 | Planta piso superior | Casa Principal. Fonte: desenho da autora

Fig. 74 | instalação sanitária | proposta. Fonte: desenho da autora

Fig. 75 | cozinha | proposta. Fonte: desenho da autora

Fig. 76 | Casa adjacente à principal. Fonte: fotografia da autora

Fig. 77 | Casa adjacente à principal. Fonte: fotografia da autora

Fig. 78 | Casa adjacente à principal. Fonte: fotografia da autora

Fig. 79 | Plantas | casa adjacente à principal. Fonte: desenho da autora

Fig. 80 | Cortes | casa adjacente à principal. Fonte: desenho da autora

Fig. 81 | Lagar. Fonte: fotografia da autora

Fig. 82 | Lagar. Fonte: fotografia da autora

Fig. 83 | Lagar. Fonte: fotografia da autora

Fig. 84 | planta Lagar. Fonte: desenho da autora

Fig. 85 | alçado Lagar. Fonte: desenho da autora  
Fig. 86 | Casa dos Caseiros. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 87 | Casa dos Caseiros. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 88 | Planta casa dos caseiros. Fonte: desenho da autora  
Fig. 89 | alçado casa dos caseiros. Fonte: desenho da autora  
Fig. 90 | Edf. Alojamento animal. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 91 | Edf. Alojamento animal. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 92 | Edf. Alojamento animal. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 93 | Planta edf. Alojamento animal. Fonte: desenho da autora  
Fig. 94 | corte edf. Alojamento animal. Fonte: desenho da autora  
Fig. 95 | Galinheiro. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 96 | Galinheiro. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 97 | planta cobertura Galinheiro. Fonte: desenho da autora  
Fig. 98 | corte Galinheiro. Fonte: desenho da autora  
Fig. 99, 100, 101 | Ruína nº1. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 102, 103 | Ruína nº1. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 104 | planta ruína nº1. Fonte: desenho da autora  
Fig. 105 | alçado ruína nº1. Fonte: desenho da autora  
Fig. 106 | planta cobertura ruína nº2. Fonte: desenho da autora  
Fig. 107 | planta ruína nº2. Fonte: desenho da autora  
Fig. 108, 109, 110 | Ruína nº3. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 111, 112, 113 | Ruína nº4 & 5. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 114 | planta ruína nº3. Fonte: desenho da autora  
Fig. 115 | alçado ruína nº3. Fonte: desenho da autora  
Fig. 116 | planta ruína nº4. Fonte: desenho da autora  
Fig. 117 | planta ruína nº5. Fonte: desenho da autora  
Fig. 118 | alçado ruína nº4 & 5. Fonte: desenho da autora  
Fig. 119, 120 | Adega. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 121, 122 | Adega & Armazém. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 123 | Armazém. Fonte: fotografia da autora  
Fig. 124 | planta cobertura recepção, restaurante, edf. Adjacente à adega. Fonte: desenho da autora  
Fig. 125 | planta recepção, restaurante, edf. Adjacente à adega. Fonte: desenho da autora  
Fig. 126 | alçado edifício quinta pedagógica. Fonte: desenho da autora  
Fig. 127 | corte edifício quinta pedagógica. Fonte: desenho da autora  
Fig. 128 | planta edifício quinta pedagógica. Fonte: desenho da autora  
Fig. 129 | imagem virtual | Tipologia “casa no lago”. Fonte: desenho da autora  
Fig. 130 | alçados e planta | Tipologia “casa no lago”. Fonte: desenho da autora  
Fig. 131 | imagens virtuais | Tipologia “casa no lago”. Fonte: desenho da autora  
Fig. 132 | planta | Tipologia “casa da árvore”. Fonte: desenho da autora  
Fig. 133 | alçados | Tipologia “casa da árvore”. Fonte: desenho da autora  
Fig. 134 | imagens virtuais | percursos e pontes. Fonte: desenho da autora

## Glossário

PDM | Plano Director Municipal

CMA | Camara Municipal de Abrantes

DGADR | Direcção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural



## 1 | Introdução

*“É preciso se libertar das “amarras”, não jogar fora simplesmente o passado e toda a sua história; o que é preciso, é considerar o passado como presente histórico. O passado, visto como presente histórico é ainda vivo, é um presente que ajuda a evitar as várias arapucas. Diante do presente histórico, nossa tarefa é forjar um outro presente, “verdadeiro”, e para isso é necessário não um conhecimento profundo de especialista, mas uma capacidade de entender historicamente o passado, saber distinguir o que irá servir para as novas situações de hoje que se apresentam a vocês, e tudo isto não se aprende somente nos livros”<sup>1</sup>*

### 1.1 | Enquadramento do Tema

Nos dias de hoje a reabilitação é um tema incontornável quer seja pela defesa do património, conservação, ordenamento do território ou preservação ambiental. O interior do nosso país é o principal foco desta problemática, pois este encontra-se cada vez mais desertificado, a sua população é de idade mais avançada, as aldeias são deixadas em ruínas e as explorações agrícolas ao abandono. Não existem, portanto, actividades nem condições que consigam fixar habitantes a estes locais. As arquitecturas e construções populares que representam e relatam a história dos nossos antepassados, não devem ser esquecidas e abandonadas.

A arquitectura possui a capacidade de permitir ao Eu o encontro consigo mesmo e com as suas memórias, esta funciona como depósito de identidades pessoais e sociais como refere Francoise Choay (1925-).

A arquitectura tem também o papel de preservar a história, esta que guarda todas as memórias individuais. Como afirma Halbwach, estas derivam sempre da memória colectiva, pois todas as lembranças são criadas num grupo e inspiradas por ele e daí surgem ideias, sentimentos ou paixões. As memórias perduram no tempo e torna-se importante a passagem das mesmas através da arquitectura. A reabilitação entra como factor principal nesta passagem de testemunho e tem como objectivo preservar a memória e espírito destes locais.

Sendo assim, um projecto de reabilitação passa acima de tudo pela reabilitação de pré-existentcias do lugar, sendo este definido pela ligação entre o património que existe através da

---

<sup>1</sup> Bardi, Lina Bo, “Lina por Escrito”, Cosac Naify Editora

população, os seus hábitos, as culturas, as vivências e usos que justificam a sua existência e o definem ao longo da história.

O presente trabalho de projecto e dissertação, para obtenção do grau de mestre, tem como base o conhecimento e respeito pela identidade do lugar e da sua essência, para posteriormente poder ser reabilitado de acordo com as novas necessidades, objectivos e utilizações tal como defendia a autora Choay, “(...) o património deve ter utilidade”<sup>2</sup>.

Tendo estes factores em conta, os temas principais para a obtenção destes resultados são:

a Reabilitação que dentro do seu domínio arquitectónico e técnico visa manter a essência dos lugares e dos edifícios, neste caso como arquitectura popular e histórica;

*“Os conceitos e o conhecimento técnico, científico e empírico, ajudam-nos a estruturar cada momento do presente e a projectar o futuro.”<sup>3</sup>*

a Teoria do lugar tentando entender as morfologias e tudo o que caracteriza o local através das pessoas que o habitaram, a sua apropriação dos lugares, saber as transformações e alterações que a arquitectura sofreu ao longo dos tempos;

*“Sou o espaço onde me encontro.”<sup>4</sup> (Noel Arnaud 1919-2003)*

a Arquitectura vernacular, um tema fundamental para a elaboração desta proposta pois faz parte da análise teórica onde se obtém o conhecimento profundo sobre as pré-existências arquitectónicas, tomando conhecimento das suas características e especificidades como edifícios de arquitectura popular desta zona do ribatejo, bem como da sua morfologia e materias constituintes;

*“(...) o adjectivo vernacular apesar do uso tão vulgarizado presta-se a interpretações variáveis consoante as épocas, as erudições, o campo específico de conhecimento que o usa, o objectivo, etc. (...) trata de uma construção conceptual da cultura cultivada ou erudita, que distingue o vernacular por um certo distanciamento face ao que pertence à alta cultura das escolas, das*

---

<sup>2</sup> Choay, Françoise, “A alegoria do Património”

<sup>3</sup> Massapina Vaz, Bárbara, Serra Vaz, Pedro, “Ensaio sobre Epistemologia e Sustentabilidade”, Lisboa, Dezembro 2013, p.19

<sup>4</sup> Bachelard, Gaston, “A poética do Espaço”, Martins Fontes, São Paulo, 1998

*academias, dos círculos notáveis e, regra geral, dos saberes com aspirações universalizantes.”<sup>5</sup>*

a Arquitectura Paisagista e a Agronomia são temáticas de importância, pois fornecem as bases para a reintrodução da agricultura, obter informações sobre como analisar os solos e saber quais as culturas mais favoráveis a incorporar na quinta, como aproveitar as nascentes e cursos de água e como integrar o desenho destas culturas na arquitectura existente;

o Turismo Rural, tema de relevância neste projecto de onde surgirão modos de reutilizar pré-existências arquitectónicas de modo a criar novas funcionalidades nesta área criando uma nova fonte de rendimento para a lugar.

## 1.2 | Objectivos

O projecto surgiu da afinidade e ligação ao lugar, sendo este a quinta de família que assenta na sua história desde há aproximadamente 350 anos. Este, visa como objectivo, que a quinta perdure através do tempo sendo o elemento arquitectónico o ponto fulcral da herança para as gerações futuras.

Respeitando o espírito do lugar, a sua história e as pré-existências arquitectónicas, tem-se como objectivo reabilitar esta quinta a nível funcional, para que esta não seja apenas um lugar de estadia e possa ser, como outrora, sustentável. Dependendo desta utilização serão reabilitados todos os edifícios integrantes da quinta de modo a que possam passar de um estado de ruína a um estado em que passam a ter uma utilidade diferente ou igual aquela para a qual foram construídos, em função da alteração de paradigma.

*“...prudence and humility”<sup>6</sup>*

Os conceitos principais que se inserem dentro destes temas e da ideia do projecto são *Território, Paisagem, Campo, Casa, Espaços exteriores/de transição/interiores, Ambiente, Cultura, Herança, Memórias, Vivência, Natural, Rural, Cultivo, Turismo.*

---

<sup>5</sup> Domingues, Álvaro, *“Vida no campo”*, Dafne Editora, 2012, p.200

<sup>6</sup> Choay, Françoise, *“A alegoria do Património”*

### 1.3 | Problemática e Pressupostos do Trabalho

Esta quinta localiza-se em Abrantes, que, apesar de possuir uma Câmara Municipal activa que dinamiza a cidade e o turismo, tem uma população envelhecida de apenas 19 132 habitantes. Este aspecto torna de algum modo desafiante a criação de um turismo, não apenas local, mas que tenha como objectivo fazer com que Abrantes deixe de ser apenas um local de passagem e possa ser reconhecido pela sua natureza, beleza, ligação com a terra, pela sua arquitectura popular, costumes rurais ancestrais, memória colectiva, essência rural, e sobretudo pelo seu património intangível que passa de geração em geração e que através deste procura-se revitalizar e divulgar turismo para os visitantes.

Este projecto, para além de ter como objectivo dar a conhecer Abrantes e fazer desta um ponto de referência turístico, possui uma estratégia, criando um ciclo entre a reabilitação e rentabilização em que o investimento na parte turística funciona como factor de suporte à recreação e reabilitação das zonas privadas da quinta.

Pretende ainda voltar a oferecer à quinta a sustentabilidade que outrora existia voltando a ser uma quinta produtiva com a mesma importância na vida desta cidade.

### 1.4 | Metodologia

Na primeira parte deste estudo, efectuar-se-á uma abordagem teórica do tema, na qual se definem e desenvolvem os conceitos utilizados, com base num estudo bibliográfico e iconográfico, sendo o trabalho apoiado por estudos efectuados por diversos autores relacionados com o tema.

Segue-se a recolha de todos os dados teóricos relativos ao local em questão, a sua história e a integração deste no contexto da cidade e da história da mesma. Após a recolha de dados far-se-á o levantamento topográfico, o levantamento de todos os elementos arquitectónicos e um registo fotográfico para posteriormente se elaborar o tratamento de todos estes elementos. Fár-se-á também um inquérito direccionado aos proprietários da quinta de modo a que se encontrem as soluções mais favoráveis de reabilitação e de propostas que se enquadrem no novo paradigma em que a quinta se encontra e que vão de encontro às novas ideias de recuperação aliadas ao turismo.

Esta primeira parte de análise teórica, do estudo da cidade bem como, e principalmente, do lugar da proposta a vários níveis, regerá o plano de projecto dentro da ideia que o projecto é sensível à história e ao Genius Loci do lugar. Este será estruturado partindo de uma abordagem

a uma escala mais abrangente, em que se definirá um programa e se atribuirão as funções mais favoráveis para a quinta e os aspectos agrícolas e turísticos que poderão proporcionar sustentabilidade. Estes, influenciarão a distribuição dos usos pelas pré-existências arquitectónicas. Depois de atribuídas as funções, será elaborado o projecto de reabilitação de todos os edifícios a nível de pormenor, para o que concorre o estudo efectuado a nível teórico, em que a teoria e a história são a base para a criação do projecto. Uma investigação teórica que irá também suportar as questões que se referem ao lugar, à apropriação e identidade e ainda do ponto de vista da morfologia e de técnicas construtivas. Posteriormente far-se-á a integração de novos edifícios de arquitectura contemporâneas constituintes deste complexo, que completam o programa idealizado para o local.



## 2 | Estado da Arte

Esta zona rural, possui condições para a elaboração de novos conceitos e novas intervenções adaptadas às novas pragmáticas através da reabilitação e do reaproveitamento da mesma, mas como já mencionado anteriormente, tenciona-se que a essência e espírito do local sejam mantidos bem como o respeito pela natureza e pela envolvente. Deste modo a utilização de materiais próprios da zona e a sua incorporação ecológica são prioridades, bem como a conjugação de arquitecturas e intervenções actuais com a reabilitação de edifícios antigos que utilizam métodos de construção tradicionais que se querem manter. Pretende-se dar uma nova imagem ao rural, com materiais de construção tradicionais, contendo assim o antigo e o novo em harmonia, guardando as memórias do lugar e dar o mesmo a conhecer a quem visita. Dar a conhecer a história da arquitectura e dos usos para que esta não se perca e seja recordada.



Fig. 1 "casas caiadas"

Na área da reabilitação, cria-se um conceito de quinta que junta o antigo ao novo, à sustentabilidade, à rentabilização, ao moderno, à natureza, ao popular, ao rural, à flora e à fauna. Existem variados exemplos de arquitecturas análogas que vão de encontro a este projecto, seja em relação à filosofia, ao tipo de construção, à programática, aos conceitos e atitudes, os quais dão suporte conceptual e construtivo.



Fig. 2 "casa no tempo"

Nesta intervenção pretende-se, dentro da reabilitação, manter a arquitectura rural conciliada com a arquitectura contemporânea. Esta dinâmica existe em projectos de referência tais como: o projecto Casas Caiadas (2014), do arquitecto Miguel Pereira, PM-ARQ, situado no norte de Évora, edificado destinado ao turismo em que a reabilitação, a preservação do original e o respeito pelas materialidades populares foram as prioridades; o projecto Casa no Tempo (2014) do atelier Aires Mateus com João e Andreia Rodrigues, situado em Montemor-o-Novo, nesta intervenção o objectivo foi a recuperação da beleza rural da paisagem, evitando uma abordagem convencional; e o projecto Nogueiras house (2015), de Sofia Parente e André Delgado, Par-do, em Viana do Castelo, no qual se aproveitou uma construção existente em pedra e se deu uma nova identidade de habitação, conciliando o existente e o recente e a actualidade.



Fig. 3 "nogueiras house"

Uma grande parcela deste projecto realizado na quinta em Abrantes, é dedicada ao turismo. Este proporcionará que mais pessoas possam conhecer o local rodeado de natureza onde se pode viver e observar um tipo de turismo de isolamento e passivo na procura da diminuição da pegada ecológica, em que o silêncio faz com que apareça como protagonista o objectivo para o qual as pessoas se ausentam da sua realidade e que as aproxima da ruralidade e de ambientes, mas sustentáveis mais próximos, todos criados na procura de uma maior harmonia entre e a terra. Tende-se a criar um tipo de alojamento e programa diferente de um típico hotel, seja rural ou outro. Procura-se o desligamento do urbano, do ritmo frenético da cidade, da proximidade ao humano, como que um retiro em que o descanso é a palavra principal.



Fig. 4 “sobreiras, country hotel”



Fig. 5 “pedras salgadas, eco-resort”



Fig. 6 “quinta de pentieiros”

Encontram-se em Portugal exemplos de projectos que também seguem esta filosofia de turismo dedicado á envolvente e ao descanso entre os quais se destacam: Sobreiras, Alentejo Country Hotel (2015), um projecto realizado pelo atelier FAT, Future Architecture Thinking, que foi criado apartir da envolvente tentando ter o mínimo impacto na mesma e preservando o património florestal; o turismo realizado pelos arquitectos Luís Rebelo de Andrade e Diogo Aguiar, de nome Pedra Salgadas Eco-Resort (2012), localizado em Pedras Salgadas, consiste num conjunto de alojamentos de diferentes tipologias divididas em eco houses e tree houses, que defendendo o e cológico como o nome indica trabalham em perfeita harmonia com a envolvente criando um novo universo distinto de um comum hotel, como se pretende na quinta em Abrantes.

A nível programático pretende-se incorporar a hotelaria num espaço rural, isolado, criando novos programas para além de alojamento temporário, oferecendo diferentes tipos de actividades que passam por percursos, pelo conhecimento das vivências antigas do lugar, a visita à quinta pedagógica que traz todas as memórias de trabalho e práticas típicas de uma quinta, procurando dar a conhecer a quem nunca experienciou, ligando-as à terra.

Na cidade de Ponte de Lima, encontra-se um exemplo com a mesma programática, a Quinta de Pentieiros (2010-2012). Este local, encontra-se envolvido pela diversidade de ambientes criados pela paisagem rural e que através da mesma se criam diferentes tipologias de alojamento sendo eles, bungalows, albergues,

parque de campismo e casa de campo, para além destes também proporciona diversas actividades que tornam este turismo único.

A ligação e o respeito pelo lugar, é algo muito marcante neste projecto que se planeia, daí todas as intervenções que se tencionam realizar tentam intervir o menos possível, tanto o ecossistema que aí se encontra como na envolvente. Assim, procurou-se que os percursos fossem de materialidades como a madeira que os aproxima mais do natural, enquadra-se melhor na paisagem e é mais ecológico, tal como no projecto da Arquitecta Teresa Moller, Punta Pite (2005), que possui uma linguagem e visão unicas em que a envolvente nunca é alterada, preservando a sua essência, utilizando apenas como materialidades pedra proveniente do lugar e madeira. Este localiza-se no Chile, a norte de Santiago.

Pretende-se neste projecto enfatizar o ecológico, o sustentável e o próximo do vernacular, os materiais a ser utilizados serão apenas a taipa e a madeira.

Tal como nesta abordagem, tenciona-se aproximar o tradicional do contemporaneo, na utilização dos materiais primeiramente em taipa, conciliando reabilitação de construções antigas e arquitecturas contemporaneas. Existe também o exemplo da arquitectura realizada por Anna Heringer (1977-) no Bangladesh, que defende o conhecimento da arquitectura popular e ecológica com materiais locais, neste caso a taipa, que continua a ser um exemplo de construção típica que apesar de antiga e de aparente simplicidade, oferece todas as características necessárias às comodidades actuais.

O projecto que se situa em Zamora, Espanha, realizado pelos arquitectos Antonio Raya, Cristóbal Crespo, Santiago Sánchez e Enrique Antel é mais um exemplo que demonstra a flexibilidade das construções em terra numa arquitectura contemporânea de funções diferentes da habitação ou turismo, neste caso uma piscina municipal, que a nível estrutural exige mais deste material, mas que através deste projecto se prova mais uma vez como a construção em taipa não é um método de construção ultrapassado. Outro exemplo de uma boa utilização deste material é o projecto The Great Wall de WA/ Luigi Rosselli, situado na Austrália, que dá uma imagem moderna à construção em terra num complexo de edificado de habitação integrado em harmonia com o terreno argiloso.



Fig. 7 "punta pite"



Fig. 8 "meti school"



Fig. 9 "piscina municipal, toro"



Fig. 10 "the great wall"



Fig. 11 “castelo dos mouros”



Fig. 12 “tree house Mmp architects”



Fig. 13 “tree house Andreas Wenning”



Fig. 14 “kekcapää stables”



Fig. 15 “equestrian centre”

A madeira é outro material escolhido para esta intervenção, pois para além de fazer parte a nível estrutural das construções em taipa, é natural da zona. Este material faz parte da reabilitação das construções antigas, bem como foi destinado a muitas das novas construções, como no alojamento humano e animal, à criação de percursos dentro da natureza, entre outros, sempre com o intuito da modernização, do conforto, da comodidade e da utilidade. São exemplos da utilização da madeira que mostram a versatilidade, flexibilidade e adaptabilidade da mesma a variados tipos de construção e destinos funcionais, o projecto de reabilitação do Castelo dos Mouros (2014) do arquitecto Ricardo Miranda, em que a contemporaneidade da intervenção de madeira integra-se de um modo subtil no castelo, com a sua essência e todos os seus materiais constituintes. Projectos ligados à construção em madeira integrada na natureza, como o Hp Tree House (2012) de Mmp Architects, que se localiza em Mount Whitfield, Australia, é uma habitação de arquitectura moderna maioritariamente construída em madeira de baixa manutenção, que proporciona diversos ambientes calmos respeitando a luz e ventilação natural, em que existe coerência estrutural e respeito pela natureza. O projecto de outra habitação na árvore (2012) idealizado pelo arquitecto Andreas Wenning, perto do rio Hudson em Nova Iorque, rodeado de áceres, é uma arquitectura que combina simplicidade e elegância destinada a uma família, e tem a função de ser um local de escape da realidade urbana, apesar de esta estar directamente ligada à sua casa.

Dentro do domínio mais rural de actividade animal, o projecto Kekkapää Stables (2015), Pook architects, localizado em Espoo na Finlândia, país conhecido pela sua arquitectura em madeira, construído com a madeira local, destinado ao alojamento animal, nomeadamente cavalos, um projecto que engloba vários estábulos e percursos equestres, defendendo nesta prática a protecção e preservação dos campos de cultivo. O projecto Equestrian Centre (2014) situado em Valle de Bravo no México, realizado pelos CC Arquitectos é outro exemplo de referência que dá importância à utilização da madeira mais uma vez num edifício dedicado à actividade equestre que incorpora e exalta a capacidade desta materialidade num edificado de luxo que contém diversas funcionalidades desde zonas de estar a zonas de serviço à zona de tratamento e alojamento animal.

Por último, um exemplo também ligado à actividade animal, Petting farm (2008) realizado por 70F architecture, situado em Almere, Holanda possui linhas modernas na utilização da madeira, uma construção de menor dimensão que dá importância ao detalhe da ligação entre a geometria de vãos e a utilização da madeira material na fachada, e à combinação entre os jogos de luz natural e artificial.



Fig. 16 “petting farm”

Estes projectos demonstram mais uma vez a capacidade que a madeira possui em ser utilizada nos dias de hoje, fazendo parte da estrutura, do interior ou exterior de qualquer edifício de qualquer dimensão ou função.



### 3 | Temáticas

#### 3.1 | Reabilitação

A Reabilitação tem como função tratar do antigo adaptando ao novo, mas respeitando a sua essência como lugar histórico de vivências conferindo utilidade ao edifício. Deste modo é necessário um estudo aprofundado sobre o local através do tempo, do espaço e da cultura que nos fornece as bases para uma nova projecção do futuro.

*“É muito raro que um edifício se identifique somente com o tempo da sua criação; eloquentemente evidencia o curso da História, com as alternâncias e decadências, de catástrofes e novos recomeços, que ficam bem patentes na sua caracterização arquitectónica.”<sup>7</sup>*

Nesta área em particular, existe a necessidade de conhecimento de todas as características e técnicas arquitectónicas que consituem as arquitecturas antigas, de modo a encontrar o melhor método para a sua reabilitação, e deste modo defender também a sua autenticidade. Está esta área da reabilitação do edificado a ganhar cada vez mais relevância em Portugal e na Europa, principalmente nos últimos anos, tendo sido alterada legislação de modo a promover a mesma.

*“O conhecimento das técnicas de construção tradicionais tem de ser encarado segundo dois princípios essenciais: é necessário conhecer o objecto de uma intervenção antes de estudar e realizar essa intervenção, de modo a adequar os materiais e métodos a aplicar às características desse objecto. Em segundo lugar, o conhecimento das técnicas tradicionais interessa, na medida em que essas mesmas técnicas serão, com frequência, as soluções mais recomendáveis para as intervenções, pelo menos quando se trate de intervenções irreversíveis.”<sup>8</sup>*

Em Portugal, acredita-se que é mais imprescindível a preservação dos materiais originais do que, como acontece nos templos asiáticos, exemplo a renovação cíclica dos edifícios criando

---

<sup>7</sup> Infante, Sérgio, “Autenticidade continuidade e mudança”, Arquitectura e vida nº15, Lisboa, abril 2001

<sup>8</sup> Appleton, João, “Reabilitação de Edifícios Antigos - Patologias e tecnologias de intervenção”, 2ª Edição – novembro de 2011, p.4

réplicas, preservando assim a forma em detrimento da matéria. É uma questão que é definida através das diferenças culturais, em que a cultura ocidental defende a tradição e valoriza a durabilidade da obra.

Desde os anos sessenta, tem sido cada vez mais difícil a reabilitação de edifícios a nível técnico derivado às novas tecnologias. Ao longo destes anos, tem-se perdido o conhecimento sobre as construções populares, vernaculares, existindo menos pessoas a dominar as técnicas e o conhecimento tradicional de construção. Sendo que, como esta temática da reabilitação se torna cada vez mais importante, há agora um maior número de pessoas a retomar estes conhecimentos que ao serem utilizados no restauro e reabilitação oferecem de novo, aos edifícios ou às obras, a sua autenticidade e espírito.

A reabilitação é um tema universal, que foi e é estudado por muitos e que possui o pensamento transversal em que a compreensão da história e dos elementos constituintes não só do material construído, edificado, mas sim o que cria o *genius loci* de cada local ou edifício, devem ser compreendidos, aprendidos, preservados e considerados como parte formante da obra.

A primeira carta de referência é a Carta de Atenas 1931. Nesta são definidos os âmbitos e os critérios para a conservação e restauro de monumentos, em que se tem em conta a valorização dos mesmos, as suas patologias, os materiais adequados ao restauro, as técnicas utilizadas e em que se faz votos que o interesse pela manutenção e defesa dos mesmos e de todos os seus constituintes, incluindo da autoridade pública.

Outra carta que é fundamental na base do estudo da reabilitação, é a Carta de Veneza de 1964, que tem como objectivo dar a entender que a noção de monumento histórico, da qual faz parte a arquitectura isolada ou integrada num tecido rural, ou urbano, é testemunho da civilização e da evolução histórica. Esta ideia não se refere apenas a grandes obras de arte, mas também, àquelas mais simples que foram ganhando, através do tempo, o seu significado cultural, o seu património intangível. É também defendido nesta Carta que a conservação e o restauro destes monumentos têm de salvaguardar tanto a obra de arte como a história.

Um exemplo que seguiu estes princípios, foi o caso da renovação urbana da área de Ribeira Barredo, em que foi recuperado e reabilitado o centro histórico tendo sempre consciência de que o mesmo possuía valores patrimoniais, históricos, arquitectónicos, sociais e culturais.

Como afirma Camilo Boito (1836-1914), arquitecto e escritor Italiano, os monumentos arquitectónicos do passado não servem apenas para o seu estudo, desempenham o papel essencial de ilustração e esclarecimento no seu todo, da história dos mesmos e dos povos, sendo que esta deve ser respeitada e preservada. Reforçando a ideia de que a história e a memória

colectiva que cria a identidade de um edifício, seja ele património físico ou intangível, os define. As memórias do património físico criam a identidade de uma determinada comunidade e construindo a memória colectiva.

O mesmo se defende, a uma escala maior, sobre as cidades históricas e a sua preservação como documentos históricos que expressam os valores das civilizações urbanas tradicionais. Encontram-se estes princípios na convenção sobre o património mundial, cultural e natural, em que é contestado que o património está cada vez mais em risco, não apenas por causas tradicionais, mas também pela evolução social que agrava todos os factores de destruição, considerando-se que esta degradação e perda é um empobrecimento do património de toda a humanidade e que a protecção do mesmo à escala mundial deve ser realizada.

*“Cada obra desaparecida é uma nova mutilação na memória colectiva. Com leis que permitem a demolição integral (...) de obras únicas, à excepção das fachadas, convertidas em simples máscaras da obra nova, fica claro que ainda há muito por fazer.”<sup>9</sup>*

Estes valores são também demonstrados na carta de Washington de 1987, Carta Internacional para Salvaguarda das Cidades Históricas. Através destes, tem-se como objectivo encontrar o equilíbrio entre o tecido construído e o tecido social. Esta carta diz respeito às cidades, grandes ou pequenas, e aos seus bairros e centros históricos que expressam o carácter cultural, social e económico das mesmas, e mais uma vez estão sob a ameaça de degradação natural pelo passar do tempo ou por factores externos. Aqui são definidos os objectivos e métodos de acções que devem ser tomados para a defesa e protecção destas cidades, em todos os aspectos, sejam eles individuais ou sociais, e assim imortalizar o conjunto de qualidades que as formam, independentemente das suas características, e que constituem a memória do mundo.

*“Existem, pois, em geral, no património arquitectónico dos povos, obras de raízes diferentes mas que até certo ponto se completam e influenciam. Os grandes estilos eruditos ganharam, frequentemente, aqui e além, expressões locais, resultantes de uma adaptação às condições particulares das regiões diferenciadas.”<sup>10</sup>*

---

<sup>9</sup> Dominguez, Javier, “Recuperar la memoria: arquitectura y legado histórico” 1980-2005, Ediciones Generales de la construcción, Valencia

<sup>10</sup> Associação dos Arquitectos Portugueses, “Arquitectura popular em Portugal”, 2ª Edição: Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa 1980, p.xix

## 3.2 | O lugar

*“a rememoração dá forma aos nossos elos com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como sociedade, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão de futuro.”<sup>11</sup>*

O espaço arquitectónico, as obras, são peças que estão em constante transformação ao longo do tempo. Estes são objectos dinâmicos que estão sempre dependentes da dimensão temporal e nas quais são exercidas metamorfoses como resposta a alterações das circunstâncias da realidade que as sustenta.

Dentro da Teoria da Arquitectura procura-se entender as morfologias e tudo o que caracteriza o local através das pessoas que o habitaram, a sua apropriação dos lugares, saber as transformações e alterações que a arquitectura sofreu ao longo dos tempos. Conhecendo através da memória colectiva e pessoais o modo como a arquitectura foi vivida e alterada consegue-se caracterizar a sua essência, espírito e identidade para posteriormente na altura de reabilitação e alteração de funções e formas estes se consigam manter ao longo do tempo.

O conceito de lugar refere-se à relação pessoa-ambiente, dado que o conceito de vinculação ao lugar se entende como condição e processo da mesma ligação, sendo um processo dinâmico e, portanto, fundamentalmente relacionado com o tempo. É também um ponto de encontro entre a cultura e o Homem. É nele que a história ocorre e que se passa a conceder valor às coisas que nele existem e nas acções humanas que lá se desenrolam e por consequência ganham significado directamente associado à sua existência num espaço com identidade.

O lugar, para o Homem, é mais do que o seu cenário, é parte integrante do processo identitário e de socialização. Este desenvolvimento da identidade advém das relações afectivas que se cria com os lugares do mundo físico, das coisas e do espaço que os contém bem como da relação afetiva que se desenvolve com esses mesmos lugares, num processo de vinculação biunívoco em que o lugar me molda e eu vou moldando o “meu” lugar.

Foram realizadas diversas aproximações para definir o conceito de “Lugar” por parte dos teóricos. De acordo com Aristóteles “lugar” ou “topos” é a dimensão da relação entre a sujeito e o ambiente físico que o leva à evocação de sentimentos de pertença. (Van der Vem, 1978;

---

<sup>11</sup> Huyssen, Andreas. *“Seduzidos pela memória: Arquitectura, monumentos, mídia”*, Aeroplano, Rio de Janeiro, 2000, p.67

Sime, 1986)<sup>12</sup>; para Amos Rapoport o conceito é vago<sup>13</sup> e, de acordo com Relph<sup>14</sup>, a identidade do lugar é constituída por três dimensões: a funcional, a física e a simbólica.

De acordo com Graumann a identidade está directamente ligada ao lugar e aos seus constituintes, o autor faz distinção entre “identificação” e “identidade”, considerando o primeiro um processo referente à apropriação de conceitos e objectos<sup>6</sup>, e a segunda, um produto, um estado final que decorre entre as relações que um indivíduo estabelece com tudo o que o rodeia, de como as compreende, conceptualiza e apropria.

No entanto a identidade de um lugar também passa pelas emoções, da mesma maneira que o indivíduo cria relações de afecto com os outros, a vinculação, ligação emocional ao edificado, ao lugar e aos objectos também faz parte da formação da identidade.

Vários autores definiram “vinculação ao lugar”:

*“a vinculação ao lugar é um conceito integrador que envolve os seguintes padrões de: vinculações (afectos, cognições, prática/acções); lugares (que variam em escala especificidade e tangibilidade); diferentes actores (indivíduos, grupos e culturas), e aspectos temporais (lineares ou cíclicos)” (Low e Altman, “Place Attachment”, 1992, p.8)<sup>15</sup> ;*

*“A vinculação ao lugar é constituída pelos laços experimentados como positivos em relação ao lugar mesmo que se formem (às vezes até sem termos consciência) através das ligações comportamentais, afectivas e cognitivas estabelecidas entre os indivíduos e/ou grupos e o seu ambiente sócio/físico, ao longo do tempo” (Brown e Perkins, 1992)<sup>16</sup> .*

O Lugar é caracterizado pelos elementos físicos constituintes do mesmo e pelas suas vivências e memórias, criando assim o Genus Loci, o espírito do lugar. Conceito romano que

---

<sup>12</sup> Speller, Gerda M. “ A Importância da Vinculação ao Lugar”, in *Contextos Humanos e Sociais e Psicologia Ambiental*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005

<sup>13</sup> Idem

<sup>14</sup> Idem

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> Idem

foi apropriado por Norbert Schultz. Sendo assim a arquitectura tem sempre de ser analisada em paralelo com o que caracterizou este espaço no decorrer do tempo, a sua história, a cultura, a vida do quotidiano e a linguagem. Deste modo o homem pode ter a noção do sentido de pertença ao lugar.

### 3.3 | Arquitectura Vernacular | Arquitectura popular

“Vernacular: relativo aos escravos que nascem na casa; falado espontaneamente, por oposição ao latim; falado ou escrito em língua indígena ou nativa de um lugar ou região; adequado ao local e ao contexto; usado pelos habitantes anónimos; sem conhecimento técnico específico; sem formação profissão especializada; artesanal; empírico; intuitivo; tradicional; típico; familiar; costumeiro; usando materiais naturais; adaptado ao meio geográfico e/ou especificidades étnicas; estável ou com evolução muito lenta; a-histórico; vulgar; ordinário; comum; popular; corrente; não erudito; profano (por oposição ao sagrado – opor o vernacular ao sagrado ou ao científico induz uma dupla hierarquização do saber e dos códigos de organização e difusão desse saber, seja linguístico, simbólico ou outro); não monumental (a arquitectura vernacular relaciona-se mais com edifícios e usos domésticos e vulgares); a arquitectura indígena; anónima; sem arquitectos; sem autor; sem *pedigree*; primitivo; do passado lingínquo; rural; não ocidental; proto-industrial; imune e ciclos; modas e períodos históricos; quase imutável; subentendendo-se um laço de pertença cultural e físico a um contexto, vernacular denomina o que não é universal como a ciência; não sendo da cultura erudita, o vernacular não se enquadra nos seus cânones ou estilos; diferentes dos parâmetros universalizantes do moderno (puro, racional, funcional; universalizantes do moderno –(puro, racional, funcional, universal, sem ornamentação); não industrializado, etc.).”<sup>17</sup>

A arquitectura vernacular resulta do saber de séculos de construção empíria, na qual são utilizados recursos e materiais típicos locais. Não é académica nem erudita, esta passa de geração em geração, de pais para filhos. Ela é a base dos princípios de muitas outras arquitecturas que conhecemos hoje em dia como a Arquitectura Ecológica, a Arquitectura Bioclimática bem como a Eco- Arquitectura, entre outras.

---

<sup>17</sup> Domingues, Álvaro, “*Vida no campo*”, Dafne Editora, 2012, p.197

“Vernacular architecture does not go through fashion cycles. It is nearly immutable, indeed, improvable, since it serves its purpose to perfection. As a rule, the origin of indigenous building forms and construction methods is lost in the distant past.”<sup>18</sup>

A arquitectura tradicional basea-se na arte primitiva de construção, num tempo em que não existiam meios de transporte nem tecnologias tanto de iluminação como de climatização artificiais que se usam hoje em dia, caracterizada pela optimização dos processos construtivos e pela utilização de materiais e recursos autóctones, de acordo com as condições climatéricas do lugar em questão e resultando do desenvolvimento das diferentes condições, nomeadamente económicas, sociais, culturais, históricas e geográficas.

A soluções arquitectónicas, bem como as suas técnicas de construção, foram sendo apuradas ao longo do tempo, através de processos de tentativa e erro utilizando os recursos naturais que o meio envolvente fornecia. Estas são arquitecturas que se moldam às condições existentes no lugar, adaptadas tanto ao clima como à cultura e religião e passam de geração em geração.

*“(...) o adjectivo vernacular apesar do uso tão vulgarizado presta-se a interpretações variáveis consoante as épocas, as erudições, o campo específico de conhecimento que o usa, o objectivo, etc. (...) trata de uma construção conceptual da cultura cultivada ou erudita, que destingue o vernacular por um certo distanciamento face ao que pertence à alta cultura das escolas, das academias, dos circulos notáveis e, regra geral, dos saberes com aspirações universalizantes.”<sup>19</sup>*

*“A pertença a um determinado lugar parece ser a única definição consensual do vernacular. Tudo o resto é variável consoante o autor, a época, o contexto, ou o campo científico e cultural a que pertence uma determinada produção científica ou artística. Invariavelmente o vernacular é uma palavra de construção erudita que se aplica a coisas situadas fora do conhecimento universalizante produzido nas escolas, nas*

---

<sup>18</sup> Rudofsky, Bernard, “*architecture without architects*”, Doubleday & Company, Inc., Garden City, New York, 1964

<sup>19</sup> Domingues, Álvaro, “*Vida no campo*”, Dafne Editora, 2012, p.200

*academias ou nas esferas sociais produtoras, divulgadoras e legitimadoras de um padrão de civilização, progresso e desenvolvimento.”<sup>20</sup>*

---

<sup>20</sup> Domingues, Álvaro, “*Vida no campo*”, Dafne Editora, 2012, p.235

### 3.3.1 | Arquitectura Popular, Rural em Portugal

*Definição de popular: “Relativo ao povo; pertencente ao povo; usado pelo povo; feito para o povo; próprio do povo; estimado pelo povo”<sup>21</sup>*

A arquitectura popular, como mencionado anteriormente, para além de ser um reflexo do espírito do lugar onde se encontra e do seu povo, está em constante mudança dentro da história e em função de todas as condições envolventes que se alteram através do passar do tempo.

*“Os vínculos criados e mantidos para assegurar a existência das nações influenciaram a expressão dos edifícios (...)”<sup>22</sup>*

A arquitectura popular em Portugal mostra-se apreensiva em relação às mudanças, estas são pouco notáveis, como se houvesse uma certa resistência ao mudar dos tempos, mas que é inevitável.

*“A inércia que o rural opõe à febre de renovação urbana é um facto verificado, mas não um princípio rígido, deliberado e imutável. Forçado pelas circunstâncias, adapta-se a elas e procura restabelecer o equilíbrio entre as condições de vida e os edifícios que as facilitam.”<sup>23</sup>*

A arquitectura popular em Portugal como em vários ou todos os países reflecte sabiamente uma resposta ao clima, e aos materiais locais. Logo como em Portugal existe uma enorme diversidade, também a resposta arquitectónica e diversificada de norte a sul (pelo clima e materiais). Existem discrepantes diferenças entre as arquitecturas, a todos os níveis, sejam eles formais, materiais ou em relação aos tipos de construção.

A história de um país, as suas conquistas e rupturas, têm implicações num todo que posteriormente se ramifica pelas partes e influencia o povo e consequentemente a arquitectura. Em Portugal houve certos acontecimentos históricos que criaram estas transformações, que são expressas através das construções e que ainda hoje são identificadas nos povos, nos seus hábitos, e nos tipos de construção.

---

<sup>21</sup> “Dicionário Universal da Língua Portuguesa”, Texto Editora, LDA, Lisboa, 2000, p.1145

<sup>22</sup> Associação dos Arquitectos Portugueses, “Arquitectura popular em Portugal”, 2ª Edição: Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa 1980, p.xx

<sup>23</sup> Idem

*“(...) a reconquista; a introdução e o desenvolvimento do cultivo do milho grosso; a exploração das riquezas do Brasil; e, mais recentemente, as repercussões fortíssimas da Revolução Industrial”<sup>24</sup>*

Em Portugal, em específico, a Revolução Industrial teve uma influência mais tardia. Esta provocou impacto nas zonas rurais, sendo um dos factores para a desruralização e desertificação das mesmas, provocando o deslocamento da população rural para as cidades.

*“Desruralização é um conceito que se usa nas Ciências Sociais para denominar o processo de mutação socio económica e territorial resultante da perda de importância da actividade agrícola e das culturas e modos de vida rurais tradicionais das sociedades camponesas. O recuo demográfico, o despovoamento e o abandono do solo agrícola são alguns dos factos mais insistentemente referidos sobre o assunto.”<sup>25</sup>*

As principais causas para a vida rural em Portugal se começar a perder foi primeiramente a participação de Portugal (milhares de trabalhadores agrícolas) na Primeira Grande Guerra, que causou uma crise política que acabou por trazer Salazar para o governo.

Com a criação do Estado Novo em 1933, e a rede de serviços públicos deu-se um aumento do número de funcionários, já não sendo vantajoso trabalhar no campo. Estes acontecimentos coincidiram com a vaga de emigração para França o que provocou uma grande crise agrícola. Por consequência o sector terciário e o ensino superior desenvolveram-se originando um forte abandono das zonas rurais.

*“Rural também se usa como oposição de urbano, (...) esta dicotomia se estabilizou e se baralhou para sempre como o processo de modernização, segundo o qual e de forma simplificada, o rural designaria o lugar de partida do êxodo rural em direcção à urbanização intensa e rápida, e a agricultura conheceria uma tendência de mecanização, especialização e industrialização que acabaria com o campesinato e com as especificidades das sociedades e culturas camponesas, os seus territórios e paisagens tradicionais.”<sup>26</sup>*

---

<sup>24</sup> Associação dos Arquitectos Portugueses, “Arquitectura popular em Portugal”, 2ª Edição: Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa 1980, p.xx

<sup>25</sup> Domingues, Álvaro, “Vida no campo”, Dafne Editora, 2012, p.69

<sup>26</sup> Domingues, Álvaro, “Vida no campo”, Dafne Editora, 2012, p.70



### 3.4 | Turismo rural

Turismo rural dentro de outras definições nasce da necessidade de oferecer ao lugar rural uma actividade rentável, que possibilite a sua manutenção e reutilização adequada. Este género de turismo tem sido um elemento importante no que toca à preservação das riquezas arquitectónicas, visto que é uma actividade que requer sustentabilidade económica.

Segundo a Direcção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural, chama-se turismo rural ao conceito definido pelo Governo que se destina ao turismo realizado num espaço rural, compreendido como um produto diversificado e do qual fazem parte vários elementos como o alojamento, a restauração, animação e o lazer, dando sempre a conhecer o que é autóctone ao lugar.

Este possui características próprias muito diferentes das modalidades habituais de turismo. Este tipo de actividade hoteleira tem como principal objectivo dar a conhecer aos visitantes a oportunidade de reviver os princípios, as práticas, as tradições culturais e também, de evidenciar, a gastronomia das zonas rurais, usufruindo sempre de um alojamento personalizado. Do ponto de vista da cidade, ou terra, que cria e constrói este turismo, esta beneficia da revigoração do tecido económico rural, que conseqüentemente passa a valorizar os recursos internos, as suas tradições, a história e a cultura típica de cada local. O turismo rural não é apenas um motor de diversificação da agricultura mas também da prática de diversas actividades remuneradas e ligadas a setores económicos diferentes, como por exemplo o artesanato ou a produção e venda de produtos tradicionais, normalmente do género alimentício. Por estes motivos, é importante promovê-lo de um modo sustentado, de um modo que vá de encontro às exigências de quem procura este tipo de turismo e de um modo ecológico visto que, considerando a ideia da revivência do antigo, o rural tem de ser preservado e respeitado.

*“O Turismo no Espaço Rural deve ser:*

- *situado em espaços rurais entendidas como as áreas com ligação tradicional e significativa à agricultura ou ambiente e paisagem de carácter vincadamente rural;*
- *considerado como um conjunto de atividades e serviços realizados e prestados mediante remuneração em zonas rurais, segundo diversas modalidades de hospedagem, de atividades e serviços complementares de animação e diversão turística, com vista a proporcionar aos clientes uma oferta completa e diversificada;*

- *à escala rural do ponto de vista da dimensão e das características arquitetónicas e dos materiais construtivos típicos da região;*
- *ligado às estruturas sociais ditas tradicionais, isto é, as que conservam as características gregárias, os valores, modos de vida e de pensamento das comunidades rurais baseadas em modelos de agricultura familiar;*
- *sustentável, na medida em que o seu desenvolvimento deve ajudar a manter as características rurais da região, utilizando os recursos locais e os conhecimentos derivados do saber das populações e não ser um instrumento de urbanização;*
- *diferenciado de acordo com a diversidade do ambiente, da economia e com a singularidade da história, das tradições e da cultura populares;*
- *de acolhimento personalizado e de acordo com a tradição de bem receber da comunidade em que se insere.*

*Grupos de empreendimentos de turismo no espaço rural:*

#### *Casa de campo*

*São casas de campo os imóveis situados em aldeias e espaços rurais que prestem serviços de alojamento a turistas e se integrem, pela sua traça, materiais de construção e demais características, na arquitetura típica local.*

#### *Turismo de aldeia*

*Quando cinco ou mais casas de campo situadas na mesma aldeia ou freguesia, ou em aldeias ou freguesias contíguas, sejam exploradas de uma forma integrada por uma única entidade, podem usar a designação de turismo de aldeia, sem prejuízo de a propriedade das mesmas pertencer a mais de uma pessoa.*

#### *Agroturismo*

*São empreendimentos de agroturismo os imóveis situados em explorações agrícolas que prestem serviços de alojamento a turistas e permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola, ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo seu responsável.*

### *Hotel rural*

*São hotéis rurais os hotéis situados em espaços rurais que, pela sua traça arquitetónica e materiais de construção, respeitem as características dominantes da região onde estão implantados, podendo instalar-se em edifícios novos que ocupem a totalidade de um edifício ou integrem uma entidade arquitetónica única e respeitem as mesmas características.”<sup>27</sup>*

---

<sup>27</sup> <http://www.dgadr.mamaot.pt>



## 4.1 | Contextualização Histórica do Lugar

### 4.1.1 | Abrantes

Abrantes é uma cidade pertencente ao distrito de Santarém, antiga província do Ribatejo que possui aproximadamente 19 132 habitantes. Esta é sede de um município dividido em 13 freguesias que no seu total contém cerca de 39 325 habitantes. Abrantes remonta aos primórdios da monarquia portuguesa, é maioritariamente uma zona agrícola que possui lagares de azeite, indústria de moagem e metalurgia. É uma cidade com importantes vestígios do passado e monumentos de relevo.

Cronologicamente Abrantes foi conquistada por D. Afonso Henriques no ano de 1148 aos Mouros, em 1173 o mesmo doou o Castelo e o seu termo à Ordem de Santiago de Espada, no ano 1179 foi concedido o primeiro foral de Abrantes e em 1217 a sua confirmação por D. Afonso II. Este foi reformulado por D. Manuel I por volta do ano 1510. Em 1807 esta futura cidade foi tomada pelo General francês Junot no decorrer das Invasões Francesas.

Abrantes foi elevada à categoria de cidade no dia 14 de Junho de 1916, dia que se tornou feriado municipal.

A cidade situa-se a uma altitude média de 100 metros, e ergue-se numa colina na margem do rio Tejo, o seu solo é fértil o que faz de Abrantes um polo comercial de industria agrícola possuindo também industria metalurgica e metalomacânica.

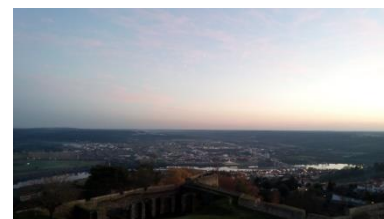


Fig. 17 vista sobre Abrantes



Fig. 18 castelo de Abrantes



Fig. 19 centro histórico Abrantes



Fig. 20 igreja são joão baptista



Fig. 21 Abrantes vista da quinta

### 4.1.2 | Quinta da Samarra

A Samarra, inicialmente uma pequena parcela que só anos mais tarde adquiriu dimensão suficiente para ser intitulada quinta, existe desde há aproximadamente 350 anos.

Esta quinta começou por ser um pedaço de terreno com menos de dois hectares que correspondia a uma pequena habitação, a um quintal que incluía uma nascente, tanques e pias, zona de eira, galinheiros e a uma zona que mais tarde adquiriu duas palmeiras com grande significado para este lugar. Nesta altura a propriedade ainda não tinha nome.

Ganhou este nome mais tarde, quando adquiriu dimensão de quinta e absorveu o topónimo Samarra, que era o nome daquela zona de povoamento disperso confinante com a Chainça. Desde essa época foi crescendo e sofrendo uma série de alterações através das várias gerações que foram comprando outras parcelas, algumas com habitações e outras construções até se tornar na quinta que hoje existe.



Fig. 22 vivências na quinta



Fig. 23 vivências na quinta



Fig. 24 vivências na quinta



Fig. 25 vivências na quinta

Ao longo dos anos esta, que possui várias linhas de água e consequentemente várias nascentes e minas de água potável, foi uma quinta de trabalho agrícola onde se produziam variados tipos de produtos como azeite, vinho, arroz, grão, feijão, milho, trigo, algodão, frutas várias, entre outros. Durante muito tempo, antes de alterações mais recentes realizadas pela camara que envolvem um alcatroamento que atravessa a quinta, a Samarra foi um santuário natural onde viviam diversos tipos de animais selvagens.

O apogeu da Samarra coincidiu com a época de ouro da agricultura (finais do séc. XIX, princípios do séc. XX), com mão de obra muito barata e mercado interno protegido e fechado ao exterior. No início do Séc.XX veio a 1ª Grande Guerra em que Portugal participou, tendo o governo da época recrutado milhares de trabalhadores agrícolas para a frente de combate em França e na Flandres, provocando uma crise política e económica que acabou por trazer Salazar para o governo. Salazar criou o Estado Novo que, para se afirmar, criou uma enorme rede de serviços públicos. Aumentou o número dos funcionários públicos, uma classe profissional prestigiada e relativamente bem remunerada.

Passou a ser mais vantajoso trabalhar num serviço público do que na agricultura. Nessa época as pessoas que viviam nesta quinta começaram a trabalhar para a função pública coincidindo com a chamada “crise da agricultura” devido à vaga de emigração para França. A sociedade acabou por se modernizar, o sector terciário foi-se desenvolvendo, o ensino superior captou os filhos das famílias com mais posses ficando a agricultura esquecida.

Este desenvolvimento resultou na perda da prática agrícola deixando muitas zonas desta quinta ao abandono.

#### 4.1.3 | Papel da Quinta da Samarra na cidade de Abrantes

O papel principal da quinta, desde a sua origem, foi o facto de esta ser o ponto de fornecimento de água à população da zona, pelo facto de existirem várias nascentes que se encontram por todo o terreno. Este factor foi o início da criação de uma quinta bastante produtiva possuindo sempre um grande número de trabalhadores e caseiros. Até à chegada da rede de água canalizada àquela zona, era esta quinta que fornecia toda a água aos habitantes locais, só tendo sido dada autorização para ser vedada após a conclusão da construção da rede.

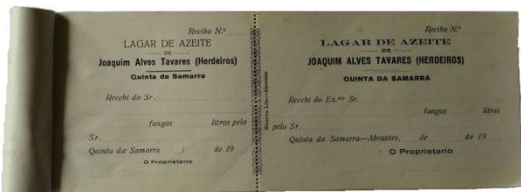


Fig. 30 recibo lagar | séc XIX

Para além das nascentes de água, que ainda hoje são úteis para os necessários consumo da quinta, esta foi durante toda a sua existência, até aos finais do século XX, uma quinta de bastante produção agrícola que tinha o seu lugar no comércio da cidade. O lagar era outro ponto de referência, que esteve fortemente ligado a este comércio na cidade durante mais tempo. Este produziu azeite até ao ano de 1974 e funcionava como um serviço público. Aqui produzia-se e vendia-se o azeite da própria quinta, mas também se vendia o serviço de produzir o azeite a produtores agrícolas locais que não tinham condições de trabalho nem monetárias para serem autosuficientes levando aqui a sua azeitona para ser transformada.



Fig. 26 vivências na quinta



Fig. 27 vivências na quinta



Fig. 28 vivências na quinta



Fig. 29 vivências na quinta

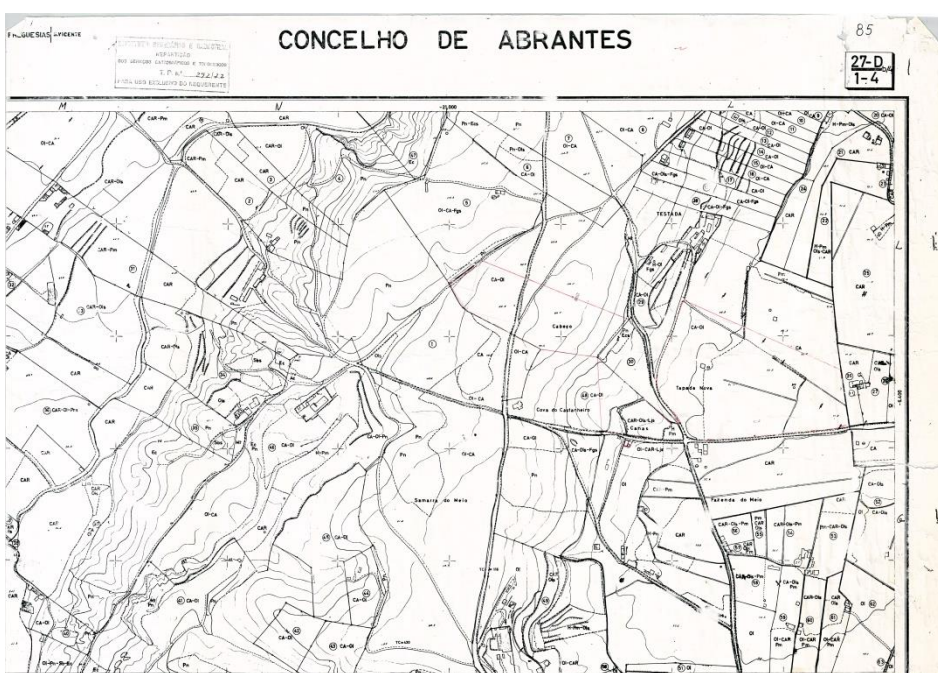


Fig. 31 Planta Cadastral | anos 50

#### 4.1.4 | Arquitectura popular



Fig. 32 características casa Abrantina



Fig. 33 características casa Abrantina



Fig. 34 características casa Abrantina



Fig. 35 características da taipa



Fig. 36 estrutura de cobertura em madeira

A arquitectura da zona de Abrantes, enquadra-se na arquitectura popular Ribatejana e por vezes possui certas influências da arquitectura alentejana. Os materiais mais utilizados na construção são a taipa, o adobo, ou o tijolo que são sempre rebocados e caiados. Os adornos dos vãos podem ser de madeira, pedra ou apenas caiado.

A construção das habitações costuma ser térrea, de apenas um piso, de planta rectangular. Nesta encontra-se a cozinha, quartos e zonas destinadas a arrumação que normalmente são dispostas seguidas. A cobertura de duas águas é feita com telha de canudo e possui uma chaminé larga que faz referência ao ano de construção, esta era bastante utilizada na confecção de comida e por vezes para fumar alimentos. As paredes exteriores apresentam caiação policromada nos rodapés, cornijas e na adornação dos vãos, predominando os tons amarelo, verde ou azul. O interior do edifício é também caiado e como decoração era utilizada loiça variada.

Não existe uma arquitectura popular apenas de Abrantes que não tenha outras influências e aspectos iguais a outras arquitecturas em Portugal, porém as casas históricas são caracterizadas pela cobertura uniforme e pelas paredes decoradas por vezes com azulejos com a designação de estabelecimentos e datas de construção. Os elementos arquitectónicos mais marcantes desta zona são os vãos e as varandas, que geralmente possuem adornos em ferro.

#### 4.2 | Materialidades

##### Taipa

As primeiras construções na zona do Ribatejo não possuíam janelas, apenas uma porta de entrada pois estas eram realizadas em taipa, material predominante em Portugal que é pouco resistente à pressão, daí as paredes possuírem sempre uma espessura de aproximadamente 0,5 metros. São construções de apenas um a dois pisos e a estrutura deste tanto como da cobertura e dos vãos é realizada em madeira.

O uso da cal era também generalizado, e não era utilizada apenas no sentido estético. Este está relacionado com a defesa da qualidade da construção, uma vez que a cal é um preservador higiénico, repelindo insectos indesejados, bem como é um bom isolante térmico.

O uso da taipa não foi desvalorizado e abandonado ao longo do tempo apesar de haver cada vez menos mão-de-obra que saiba trabalhar com este material. A construção em taipa possui valor cultural, e deve ser reabilitada pois deste modo preserva-se a identidade da construção, fomenta-se o uso de materiais locais e restabelece-se a memória social. Como defende Ignácio González Varas, a conservação do património quando trata de um bem material tem como objectivo tratar de prolongar a permanência do suporte físico do objecto, já na manutenção de uma actividade ou prática tem-se como objectivo preservar o bem imaterial.

A nível técnico, a taipa possui uma boa performance higrométrica, térmica e acústica, é de metologia simples, é energética e apenas utiliza recursos naturais para a sua construção. Este material também é bastante ecológico pois para além de só utilizar recursos naturais, uma vez deixada a construção ao abandono esta degrada-se num espaço de vinte anos sem prejudicar o ambiente e todo o seu envolvente.

A sua reabilitação é rara pois o que normalmente acontece é a demolição dos edificadoss e a substituição destes por outros contemporâneos, não há muita mão-de-obra disponível, pois existem menos pessoas formadas neste tipo de construção e a falta de investigação e desenvolvimento de processos e materiais de conservação, reparação e reforço.

#### Fragilidades:

- Fraca resistência sísmica;
- Susceptibilidade à presença de água (importância de revestimentos exteriores)

De modo a fazer a reabilitação de uma construção em taipa, o primeiro passo é realizar um diagnóstico e dar prioridade sempre à sanidade estrutural.



Fig. 37 utilização da cal



Fig. 38 utilização da taipa



Fig. 39 construção em taipa



Fig. 40 recuperação incorrecta de um muro de taipa

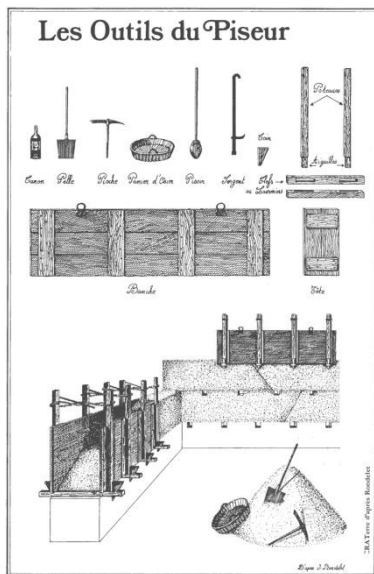


Fig. 41 ferramentas para construção em taipa

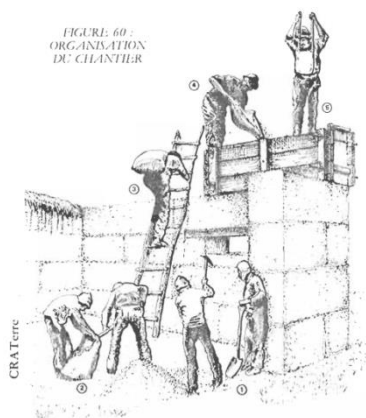


Fig. 42 método de construção em taipa

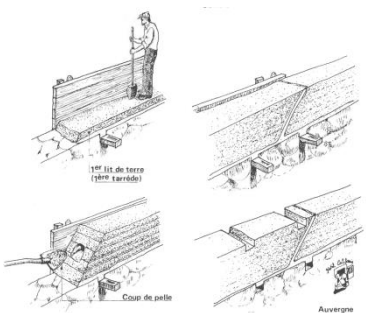


Fig. 43 método de construção em taipa

Características da estrutura:

- Paredes ortogonais simples, modular;
- Possibilidade de embarricamento;
- Boa capacidade de suporte;
- Má resistência à tracção/flexão
- Contributos de contraventamento (efeito de cintagem) das estruturas de pisos e cobertura.

A técnica para a elaboração destas construções é através da cofragem em que o material é compactado entre dois elementos e depois aplicam-se pancadas com massas, ou do modo mais moderno com martelo pneumático que cria vibrações e estabiliza o material.

Constituintes da terra:

- 0% a 15% seixo
- 40% a 50% areia
- 20% a 30% silte
- 15% a 25% argila

Patologias:

- Falta de revestimento;
- Mostra de madeira;
- Destacamento de fendas de suporte;
- Deslocamento de paredes (modo de corrigir, com contraforte)

No estudo para chegar a soluções de reabilitação, é necessário compreender a complexidade na modulação estrutural através de métodos tradicionais, diagnosticar e caracterizar para definir os macro-elementos possíveis, estes que são caracterizados por mecanismos de colapso próprio, de modo a se poder adoptar medidas de reforço com carácter discreto, que têm como objectivo contrariar os mecanismos de colapso, garantindo o equilíbrio dos macro-elementos.

Na ponderação de soluções os principais critérios a ter em conta são a eficácia, a compatibilidade, a durabilidade, eficiência e a reversibilidade.

As soluções para a reabilitação deste tipo de construção passam por:

- Reconstrução selectiva;
- Consolidação – injeção de terra;
- Reforço de alvenarias – pregagens e tirantes;
- Reforço de fundações directas – micro estacas;
- Reparação e substituição selectiva de elementos degradados de madeira (próteses) na cobertura e pavimentos.

Ao contrário das argamassas para o revestimento, não existem argamassas pré-doseadas para a taipa, o que esta tem de ser sempre fabricada em obra, daí destaca-se outra vez a importância de mão-de-obra instruída neste tipo de construção.

Os revestimentos exteriores são constituídos por uma parte muito importante para a protecção da estrutura, estes previnem que o suporte em terra entre em contacto com a água, não provocando assim danos no suporte, garantem a sua durabilidade e fazem parte da componente estética.

Na reabilitação destes revestimentos tem de se ter em conta o estado de conservação, e adequar o revestimento às condições ambientais presentes ou previstas. Hoje em dia para estas soluções tenta-se otimizar as materialidades bem como as técnicas. As argamassas antigas são caracterizadas pela sua porosidade, absorção capilar e secagem, elasticidade e pelo resíduo insolúvel, tem presença residual de sais solúveis, a sua composição mineralógica tem base similar entre os revestimentos. As novas formulações, que criam melhores argamassas são contituidas por cal aérea em pó, combinação de areias lavadas e feitas industrialmente, caulino amarelo natural e fibras sintéticas de polipropileno, estas oferecem uma maior resistência à compressão. Fora os aspectos técnicos, a conservação e melhoramento destes métodos preserva o património construído valorizando-o e reforçando a identidade cultural e os seus valores, cognitivos, formais, estéticos, afectivos, programáticos ou éticos.

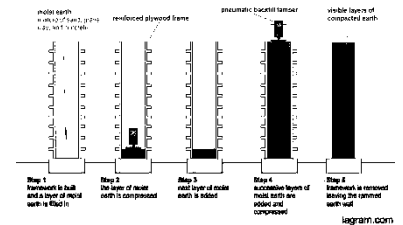


Fig. 44 método de construção em taipa

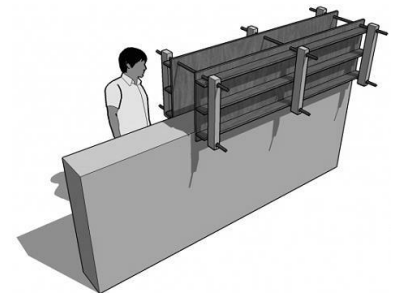


Fig. 45 método de construção em taipa

FIGURE 63 : PISE AU MEXIQUE, LA TERRE EST PRISE AU PIED MEME DU MUR

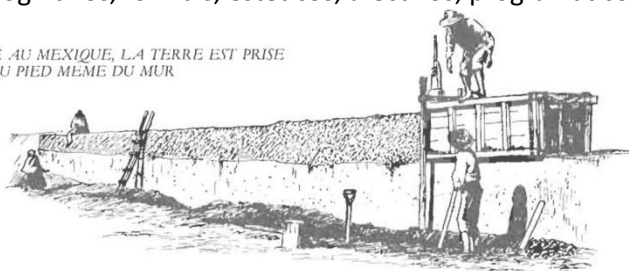


Fig. 46 método de construção em taipa

Pierre Bonneville

## Madeira

Desde o início dos tempos a técnica do manuseamento da madeira tem evoluído, começando nos processos manuais evoluindo até à indústria moderna. Esta foi um dos primeiros materiais a ser utilizados pelo Homem, possuindo várias utilidades como em defesa, na iluminação, abrigos, desolcamento e alimentação. A madeira deriva das árvores, esta é uma matéria sólida e é utilizada desde a pré-história. As árvores que fornecem a madeira estas divididas em dois grandes grupos, as resinosas ou coníferas e as folhosas ou de folha caduca. Este material pode ter vários tipos de utilização e ser aplicada em revestimentos sejam eles interiores ou exteriores, bem como nas estruturas.



Fig. 47 toros de madeira

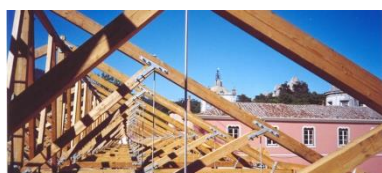


Fig. 48 estrutura de madeira maciça



Fig. 49 mdf



Fig. 50 madeira lamelada colada

As madeiras possuem qualidades diversificadas tais como a durabilidade; dureza; resistência à tracção; resistência à compressão; resistência à flexão; resistência ao choque e a resistência ao corte. Consoante a sua performance nestes parâmetros pode ter utilizações muito diversas, desde a balsa utilizada apenas em objectos, pois é pouco resistente, até às madeiras de grande resistência com as quais se fazem estruturas, bem como edifícios completos e até barcos. Com o avançar dos tempos existem madeiras trabalhadas através das tecnologias, como por exemplo as madeiras laminadas ou as termocoladas que permitiram aumentar o espectro da sua utilização.

Existem várias propriedades que definem a madeira como um material competente para a construção.

O uso da madeira é uma escolha sustentável e ecológica. A madeira é um material que armazena dióxido de carbono, é renovável e versátil, é resistente, tem uma boa componente estética, é de grande durabilidade, não enferruja, possui um bom comportamento quando em contacto com o fogo e providencia excelentes isolamentos térmicos e acústicos. O uso deste material também dá apoio e protege as florestas e pode ter um grande nível de pré-fabricação.

“(...) a matriz desses sentidos e valores não está nas coisas em si, mas nas práticas sociais.”<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Meneses, Ulpiano T.B., *“O Campo do Património Cultural: Uma revisão de Premissas”*, I Forum Nacional do Património Cultural



## 5 | Proposta de Intervenção

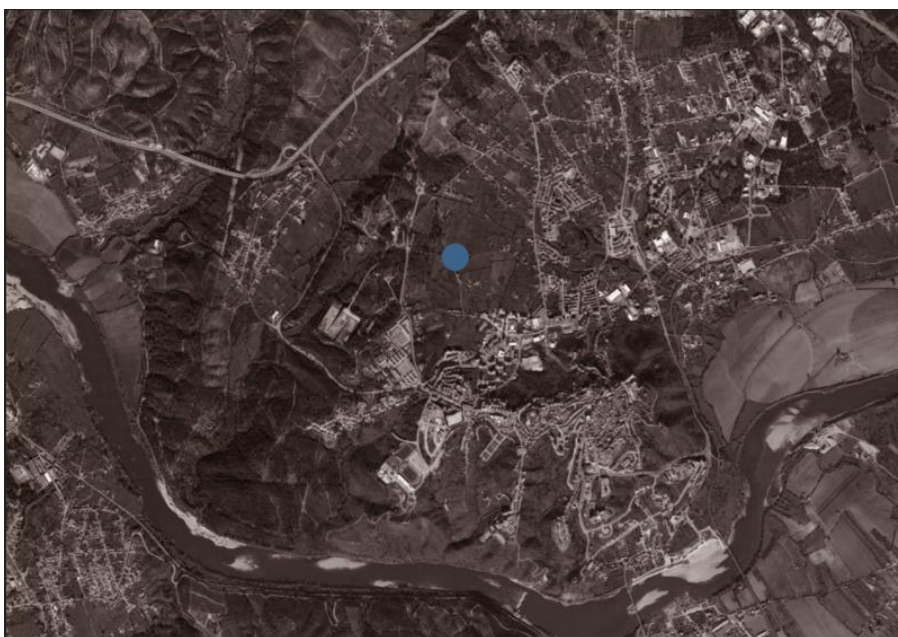


Fig. 51 mapa cidade de Abrantes

A proposta de intervenção tem lugar na Quinta da Samarra (Samarra), propriedade localizada no Concelho de Abrantes, a qual possui um património intangível sendo o grande objectivo a recuperação e reabilitação do mesmo.

Esta, agora em fase de projecto final de mestrado, indo de encontro às conclusões do inquérito realizado, é um trabalho académico, mas que se pretende que seja o ponto de partida para o seu desenvolvimento a pôr em prática na realidade. Daí a estratégia cíclica que existirá entre a reabilitação e a construção de edifícios novos, que darão apoio e reforço à construção do empreendimento turístico, e terá como base um estudo económico que estabelecerá a ordem pela qual estas reabilitações e construções serão feitas, tendo em conta o investimento e o retorno que se tem com o mesmo.

A Samarra tem uma dimensão aproximadamente de 40 hectares e está dividida em quatro parcelas, as quais foram criadas pelo atravessamento de estradas e caminhos públicos. A área mais a norte da quinta, é onde está situado o atual polo principal de habitação sendo a única zona que ainda se encontra em uso hoje em dia. Aqui encontra-se o principal e mais antigo edifício de habitação, tendo sido a partir desta zona que a quinta foi crescendo, com a aquisição de novas parcelas.

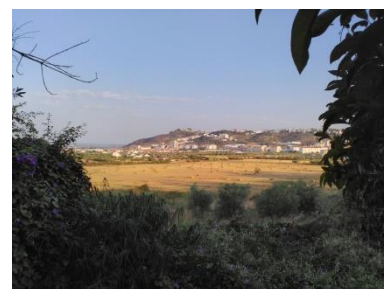


Fig. 52 paisagem quinta

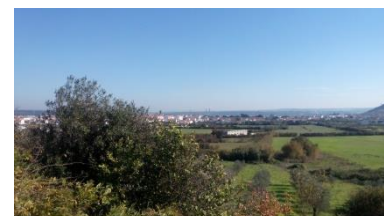


Fig. 53 paisagem quinta

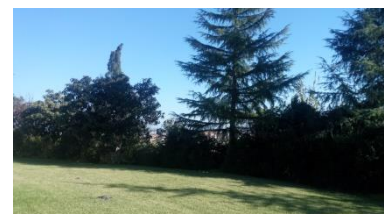


Fig. 54 paisagem quinta



Fig. 55 paisagem quinta

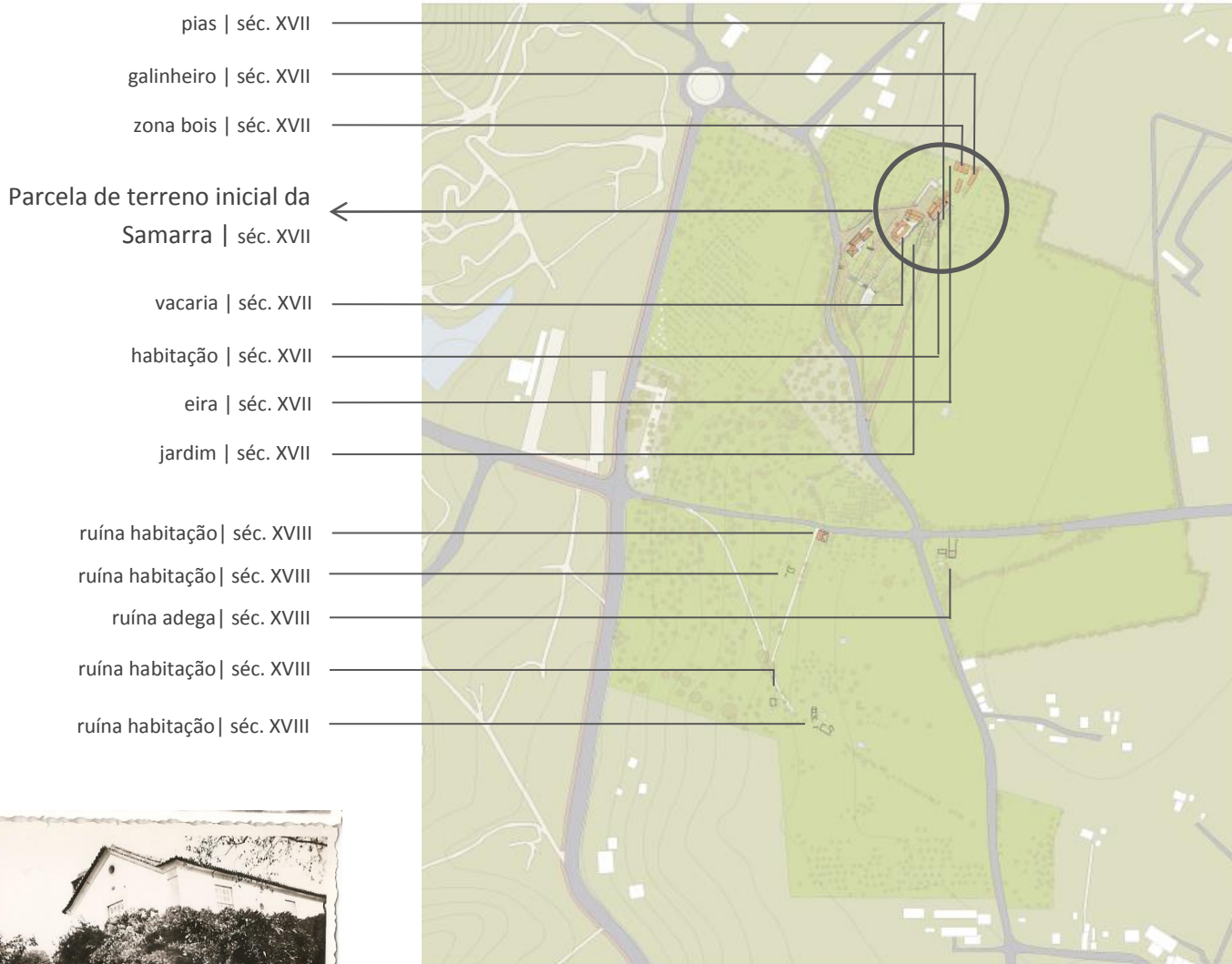


Fig. 56 implantação quinta da samarra | actual



Fig. 57 habitação principal | anos 50



Fig. 58 habitação principal | anos 70



Fig. 59 habitação principal | actualidade

Esta quinta começou, no século XVII, por ser uma pequena parcela de terreno, com menos de 2 hectares, que correspondia a um pequeno edifício que depois seria ampliado para se tornar na habitação principal dos proprietários da quinta. Nesta zona, para além da habitação, existiam dois edifícios destinados ao alojamento animal, nomeadamente bois de trabalho e vacas, denominada vacaria, a qual se situava onde hoje existe uma das habitações modernas. Existia também um galinheiro, a eira, as pias e um jardim que continha duas palmeiras.

A habitação principal foi crescendo no sentido sul, esta que inicialmente era apenas um palheiro. Numa primeira ampliação de edificado, criou-se a primeira habitação. Posteriormente com a construção de um piso, este passou a servir de habitação ficando o piso inferior destinado a guarda de gado ovino.

De seguida foi feita outra ampliação que serviria de arrecadação. Todo este edificado encontra-se num estado degradado e apenas serve para arrumação.

Posteriormente a 1850 foram plantadas duas palmeiras, outro símbolo marcante da Samarra. Estas, tal como em outras quintas pelo país, eram símbolo de revolta contra o rei D. Carlos pela entrega a Inglaterra dos territórios africanos entre Angola e Moçambique.

A habitação, tipicamente ribatejana, que hoje ainda é vivida, foi uma terceira parte acrescentada ao complexo. Esta, sofreu também várias alterações no decorrer do tempo. Foi construída há cerca de 150 anos, a remodelação da zona da cozinha e a zona de quartos adjacentes há 40 anos.

Ao longo dos séculos foram adquiridas parcelas e a quinta foi-se expandido, bem como as suas construções estabilizando na área que tem hoje no início do século XX. Como esta oferecia muitos postos de trabalho a famílias dedicadas à agricultura, foram construídas várias habitações dispersas pela propriedade proporcionando um lar a estas famílias. A maior parte destas construções encontram-se em muito mau estado.

Entre finais do séc. XIX e nos anos 30 do séc. XX, a Samarra atingiu o seu apogeu com a criação de unidades de apoio local, que proporcionavam à quinta um bom rendimento.

Foi nessa altura que se construiu o lagar, bem como as tulhas de apoio, onde os agricultores (quer os da própria Samarra, quer os das propriedades vizinhas) colocavam a azeitona para depois ser moída no lagar e produzido o azeite.

Outro edifício desta época foi a adega que se situava mais a sul no terreno e que agora se encontra em estado de ruína.

Estas são as construções ainda existentes da antiga Samarra, e é através da reabilitação das mesmas e da integração de novas, que vão dar apoio ao projecto idealizado para a quinta, que se vai renovar o espírito quase esquecido deste lugar.

De referir que recentemente foram construídas duas habitações para alguns dos proprietários da quinta.

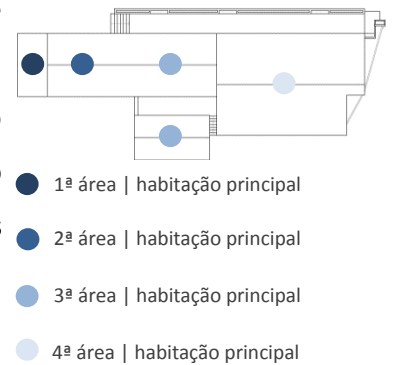


Fig. 60 esquema construção habitação principal



Fig. 61 telhas | anos 50



Fig. 62 exemplo ruína habitação



Fig. 63 lagar



Fig. 64 adega

## 5.1 | Programa

Tenciona-se reabilitar a Samarra mantendo por um lado a área privada para usufruto exclusivo dos proprietários e criar também, através da reabilitação de edifícios que se encontram em estado de ruína e com a integração de novos que respeitem a envolvente, o turismo rural.

O projecto idealizado para esta propriedade, vai de encontro ao novo plano de urbanização proposto para a cidade de Abrantes. Este que propõe ainda a reflorestação da quinta.

Pretende-se proporcionar um espírito de turismo de repouso, o qual tira partido das ruínas espalhadas pela propriedade criando, a partir da sua reabilitação, alojamentos isolados todos ligados por percursos.



Fig. 65 implantação quinta da samarra | proposta

Os restantes alojamentos com carácter mais contemporâneos, são construções novas de dois tipos, “casas do lago” e “casas da árvore”.

A antiga adega, será agora a recepção principal de todo o complexo, possuirá um local de estacionamento, a recepção e o restaurante localizado na construção antiga. Será projectada adjacente ao restaurante uma construção contemporânea que servirá de apoio ao mesmo.

A opção por inserir também uma quinta pedagógica, poderá a princípio parecer pouco apropriada visto estarmos numa zona em que existe actividade rural, mas estando hoje em dia estas práticas cada vez mais em desuso, sente-se a necessidade de proporcionar actividades que remetam para as memórias das mesmas, oferecendo a esta local produtividade, aproximando-o do sustentável e ecológico. Através desta, criar-se-ão actividades não só de observação, mas com programas de carácter pedagógico e educativo.

Os materiais a ser utilizados nas novas construções serão apenas a taipa, material da zona, e a madeira, material também ecológico e sustentável.

As reabilitações de edifícios antigos serão realizadas em taipa, bem como uma das novas tipologias de turismo de habitação.

A madeira será maioritariamente utilizada nas novas construções onde se pretende uniformizar a linguagem através da imagem e do ritmo criado pelo ripado de madeira a inserir que cobre os volumes pelo exterior.



Fig. 66 Esquisso “casa do lago”

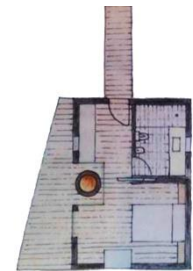


Fig. 67 Esquisso “casa da árvore”

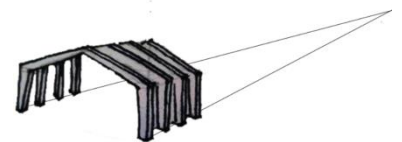


Fig. 68 Esquisso estrutura de madeira | quinta pedagógica

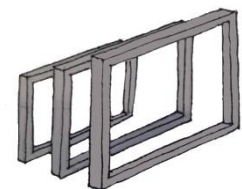


Fig. 69 Esquisso estrutura de madeira | miradouro

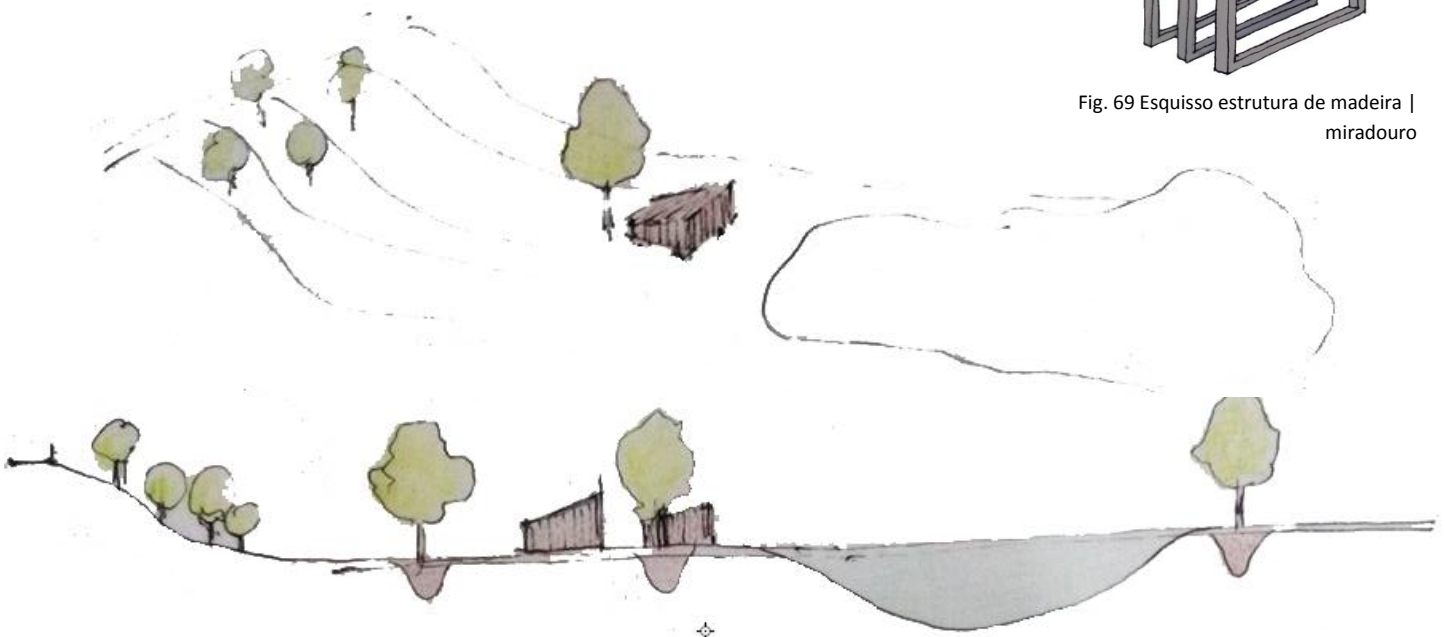


Fig. 70 Esquisso (perspectiva e corte) | zona turismo “casas do lago” & piscina biológica

## Edifícios constituintes da proposta

### Área privada | Construções a reabilitar:

- Casa Principal;
- Casa adjacente à principal;
- Lagar;
- Casa dos caseiros.

### Turismo Rural | Construções a reabilitar:

- Edifício de alojamento animal – Recepção;
- Galinheiro;
- Ruínas | habitação – Turismo Rural;
- Adega – Restaurante e Recepção

### Turismo Rural | Construções novas:

- Edifício adjacente à antiga adega;
- Alojamento animal | quinta pedagógica;
- Alojamentos turísticos;
- Percursos pedonais e áreas de lazer.

## Área Privada

### Casa Principal

Na casa principal, pretende-se preservar o mais possível dentro da sua essência e genuinidade, otimizando certos aspectos para que a vivência na mesma possa ser realizada apenas adaptando-a às condições e necessidades actuais. Este é o edifício que aloja um maior número de pessoas, deste modo têm de ser atendidas as necessidades dos proprietários.

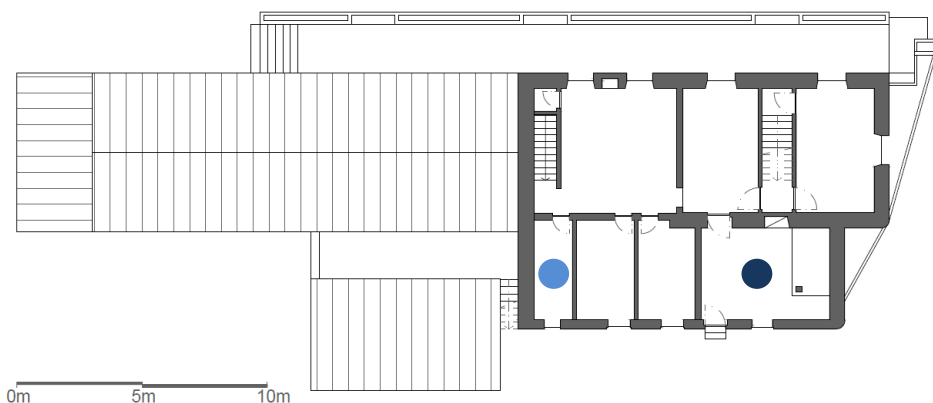
Sendo assim, as intervenções a realizar são: a optimização da instalação sanitária, visto que só existe uma; a cozinha, pois esta encontra-se num estado degradado e pouco funcional e a melhoria da ventilação num dos quartos do piso inferior através da reconstrução de um vão.



Fig. 71 Casa Principal



Fig. 72 Casa Principal



- Instalação sanitária
- Cozinha

Fig. 73 planta piso superior | Casa Principal



Fig. 74 planta instalação sanitária | proposta

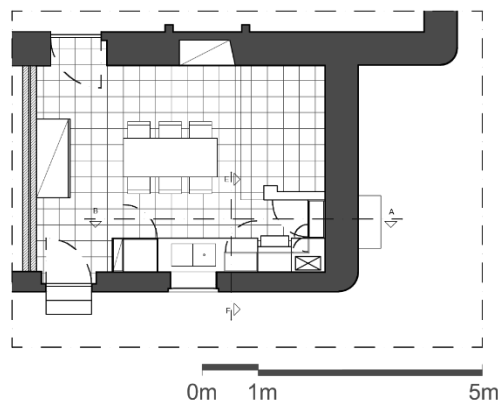


Fig. 75 planta cozinha | proposta

## Casa adjacente à Principal



Fig. 76 Casa adjacente à principal



Fig. 77 Casa adjacente à principal

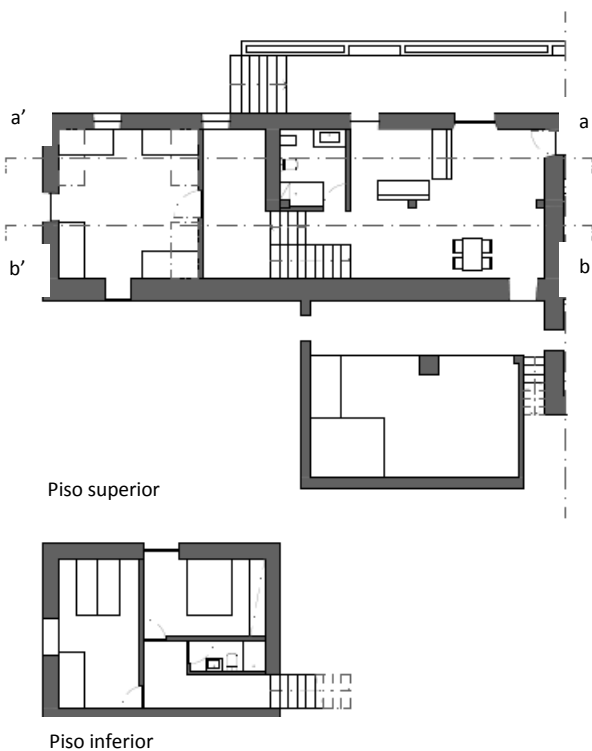


Fig. 78 Casa adjacente à principal

Pretende-se que este volume seja agora parte integrante da casa principal, de modo a poder alojar o maior número de pessoas, pensando já nas gerações futuras, criando mais zonas de serviço, como instalações sanitárias e mais zonas de estar e de dormir. Para este efeito é mantida a ligação directa que existe da casa principal com este volume. Serão mantidas todas as paredes e cobertura que se encontram em bom estado de conservação, e será efectuada uma intervenção de carácter contemporâneo no interior.

O piso do nível inferior, que não possui pé direito suficiente para ser utilizado como espaço habitacional, terá uma intervenção mais profunda, procedendo-se à sua escavação pontual, com o intuito de aumentar o pé direito, recorrendo-se ainda ao reforço de fundações. Deste modo esta zona ficará com dois pisos que serão destinados à zona de dormir. Na zona de transição encontrar-se-ão os acessos verticais e a instalação sanitária comum.

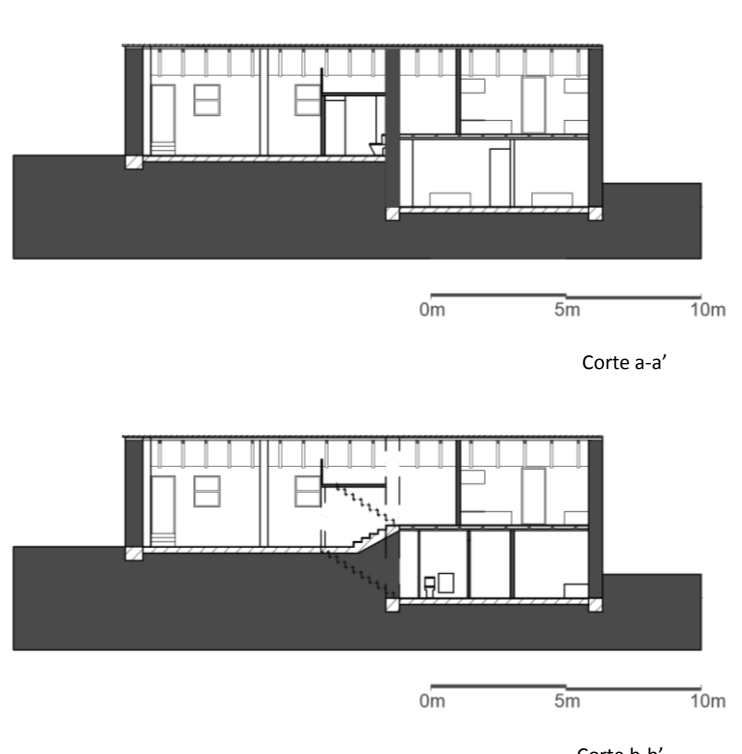
Na área de maior dimensão e volume, criar-se-á um espaço de estar que complementa a casa principal. Os vãos serão preservados com o desenho original criando-se outros novos de modo a melhorar a ventilação e luz natural.



Piso superior

Piso inferior

Fig. 79 Plantas



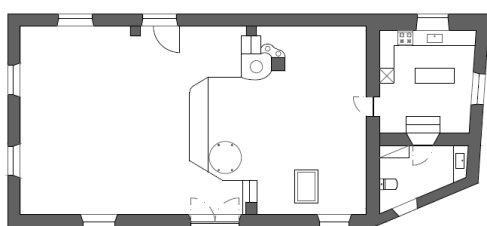
Corte a-a'

Corte b-b'

Fig. 80 Cortes

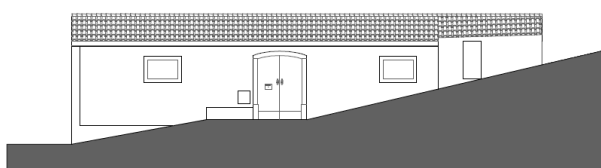
## Lagar

A intervenção no edifício do lagar, será realizada a um nível mais técnico e tal como na casa principal, o objectivo é a preservação da memória colectiva e das práticas ali realizadas. A sua função futura, será a de espaço comum destinado aos proprietários. Aqui pretende-se reabilitar a estrutura da construção em taipa, visto que esta é o ponto mais frágil, com o reforço estrutural de alvenarias através da utilização de elementos metálicos. Criar-se-á na área de menor dimensão uma zona de serviços que contém uma copa e uma instalação sanitária de apoio.



0m 5m 10m

Fig. 84 planta lagar



0m 5m 10m

Fig. 85 alçado lagar

## Casa dos Caseiros

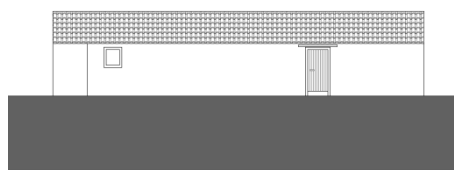
Esta habitação, de pequenas dimensões, terá a mesma função para a qual foi construída, uma vez que sendo reativada a actividade da quinta, voltará a ser necessário criar condições para o alojamento de caseiros.

Para além da reabilitação da compartimentação interior com todas as valências fundamentais de uma habitação, prevê-se o reforço e reabilitação das paredes e da cobertura, inclusão de novas janelas e portas.



0m 5m 10m

Fig. 88 planta casa dos caseiros



0m 5m 10m

Fig. 89 alçado casa dos caseiros



Fig. 81 Lagar



Fig. 82 Lagar



Fig. 83 Lagar



Fig. 86 casa dos caseiros



Fig. 87 casa dos caseiros

## Turismo Rural | Construções a reabilitar

### Edifício de alojamento animal - Recepção



Fig. 90 Edf. Alojamento animal



Fig. 91 Edf. Alojamento animal



Fig. 92 Edf. Alojamento animal

Este antigo alojamento será agora parte integrante da quinta pedagógica. Mantendo todas as paredes originais em taipa e pedra, far-se-á a reabilitação e reconstrução do restante edifício que está em ruína.

Este, será o edifício de apoio à quinta pedagógica que contemplará a instalação sanitária, recepção, bar, zona de estar polivalente para realização também de possíveis actividades relacionadas com a quinta, e zona de serviços.

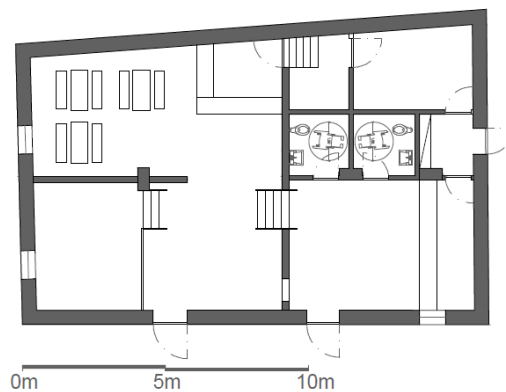


Fig. 93 planta Edf. Alojamento animal

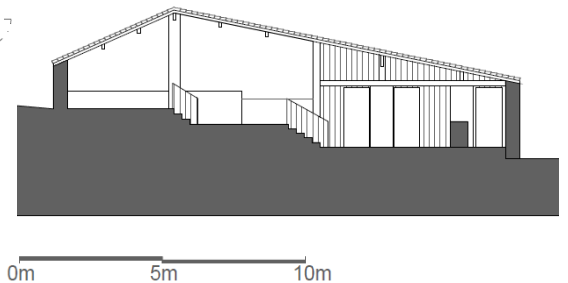


Fig. 94 corte Edf. Alojamento animal

### Galinheiro

Este será também parte integrante da quinta pedagógica. Uma vez que a ruína existente não tem qualquer valor, tangível ou intangível, esta será substituída por uma construção totalmente nova em madeira. Aqui ficará parte do alojamento animal, nomeadamente aves e roedores.



Fig. 95 Galinheiro



Fig. 96 Galinheiro

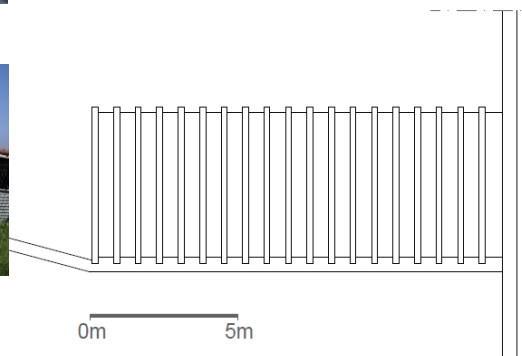


Fig. 97 planta cobertura | Galinheiro

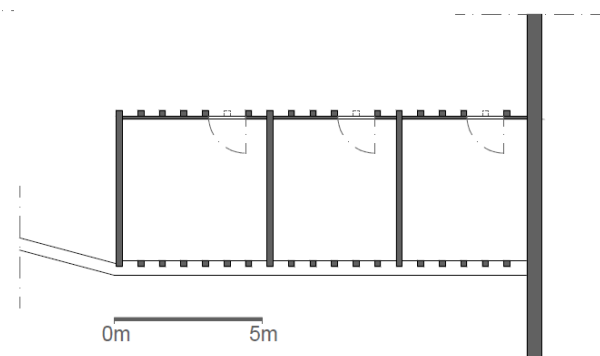


Fig. 98 planta | Galinheiro

As ruínas aqui referidas, são os edificadros que se encontram pontualmente espalhados pela propriedade, predominantemente na zona sul, que serviam como habitações destinadas aos trabalhadores e caseiros da quinta.

A sua reabilitação, visa a adaptação das mesmas de modo a possibilitar a ocupação por famílias ou grupos de pequena e/ou média dimensão, recriando também os ambientes das habitações originais aqui existentes. Nestas, o objectivo passa pelos visitantes experienciarem a vida no campo o mais próximo possível da realidade, na altura em que eram utilizadas como casas, vivenciando as materialidades, as formas, as práticas e as suas dimensões próprias.

Uma vez que estas se encontram abandonadas há algum tempo, o seu estado de conservação é mau, pretendendo-se manter ainda assim, todos os aspectos que ainda tenham valor e condições, como as paredes, algumas coberturas e certos elementos típicos como as lareiras. A restante intervenção será feita utilizando a taipa e a madeira, num carácter mais contemporâneo oferecendo valor e protagonismo ao antigo.



Fig. 99 Ruína nº1



Fig. 100 Ruína nº1



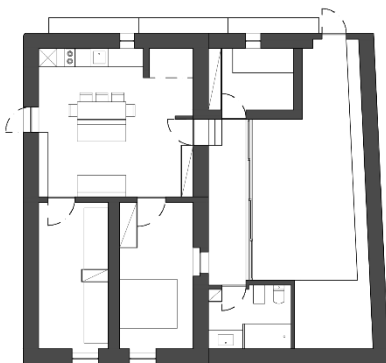
Fig. 101 Ruína nº1



Fig. 102 Ruína nº2

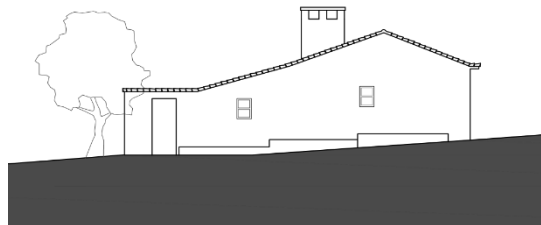


Fig. 103 Ruína nº2



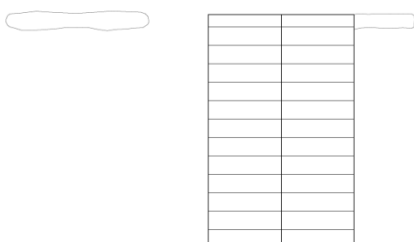
0m 5m

Fig. 104 planta | Ruína nº1



0m 5m

Fig. 105 alçado | Ruína nº1



0m 2,5m 5m

Fig. 106 planta cobertura | Ruína nº2



0m 2,5m 5m

Fig. 107 planta | Ruína nº2



Fig. 108 Ruína nº3



Fig. 109 Ruína nº3



Fig. 110 Ruína nº3



Fig. 111 Ruína nº4 & 5



Fig. 112 Ruína nº4 & 5



Fig. 113 Ruína nº4 & 5

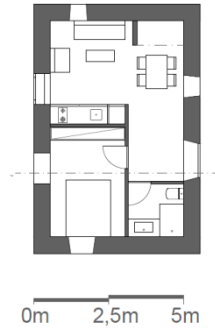


Fig. 114 planta | Ruína nº3

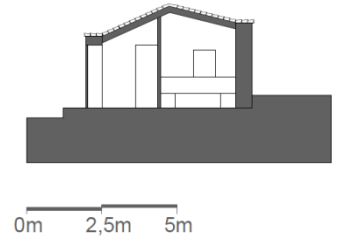


Fig. 115 alçado | Ruína nº3

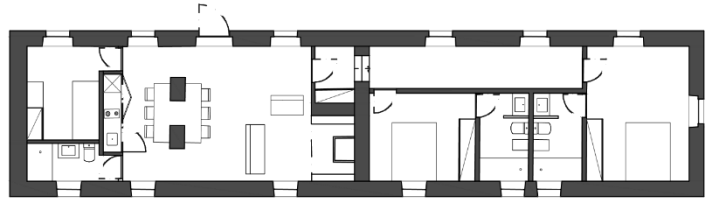


Fig. 116 planta | Ruína nº4

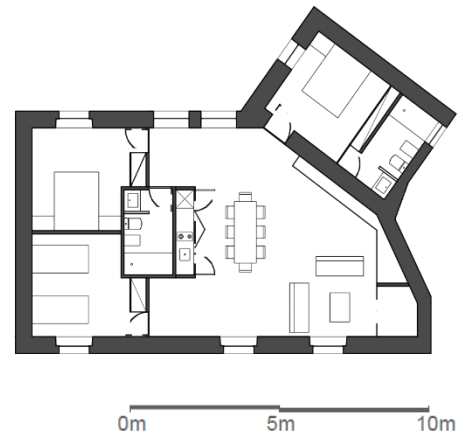


Fig. 117 planta | Ruína nº5

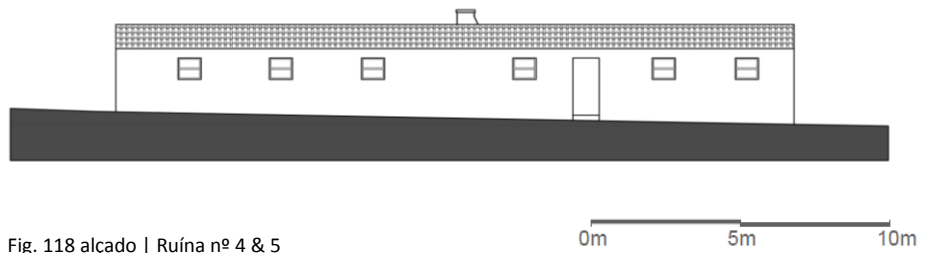


Fig. 118 alçado | Ruína nº 4 & 5

## Adega – Restaurante e Recepção

Esta área onde antigamente se situava a adega, um tanque, hortas e um pequeno edifício para armazém, será agora o ponto de chegada deste complexo turístico.

A ruína da antiga adega, onde era produzido vinho e por vezes aguardente, planeia-se que seja agora um restaurante, que não só dará apoio ao complexo, como se pretende, pela sua dinamização, que seja um ponto alto de apoio ao desenvolvimento e divulgação da cidade de Abrantes.

Será feita a reabilitação das paredes existentes em taipa através da sua reconstrução, a cobertura será refeita em telha cerâmica de canudo com duas águas, recriando a sua configuração original.

A pequena construção situada perto da adega, na sua origem destinada a armazenamento, será agora a recepção da zona de alojamento.

Esta construção apenas possui paredes de dimensões reduzidas o que, de modo a redefinir o edifício, complementar-se-á com uma componente moderna em madeira.

### Turismo Rural | Construções novas

#### Edifício adjacente à antiga adega

Adjacente ao futuro restaurante, será projectada uma instalação contemporânea em madeira que servirá de apoio ao restaurante, contemplando todos os espaços legalmente exigidos como zonas de armazenamento, frio, instalações sanitárias entre outras. Este novo edifício albergará também um espaço para confecção de produtos artesanais ligados à alimentação, onde se prevê serem produzidos entre outros produtos originais da quinta, compotas de laranja provenientes do grande laranjal existente.

Esta actividade pretende-se também que faça parte da componente pedagógica e educacional através de visitas.



Fig. 119 Adega



Fig. 120 Adega



Fig. 121 Adega & Armazém



Fig. 122 Adega & Armazém



Fig. 123 Armazém

Recepção | Restaurante | Edifício adjacente à antiga adegas  
desenhos do complexo

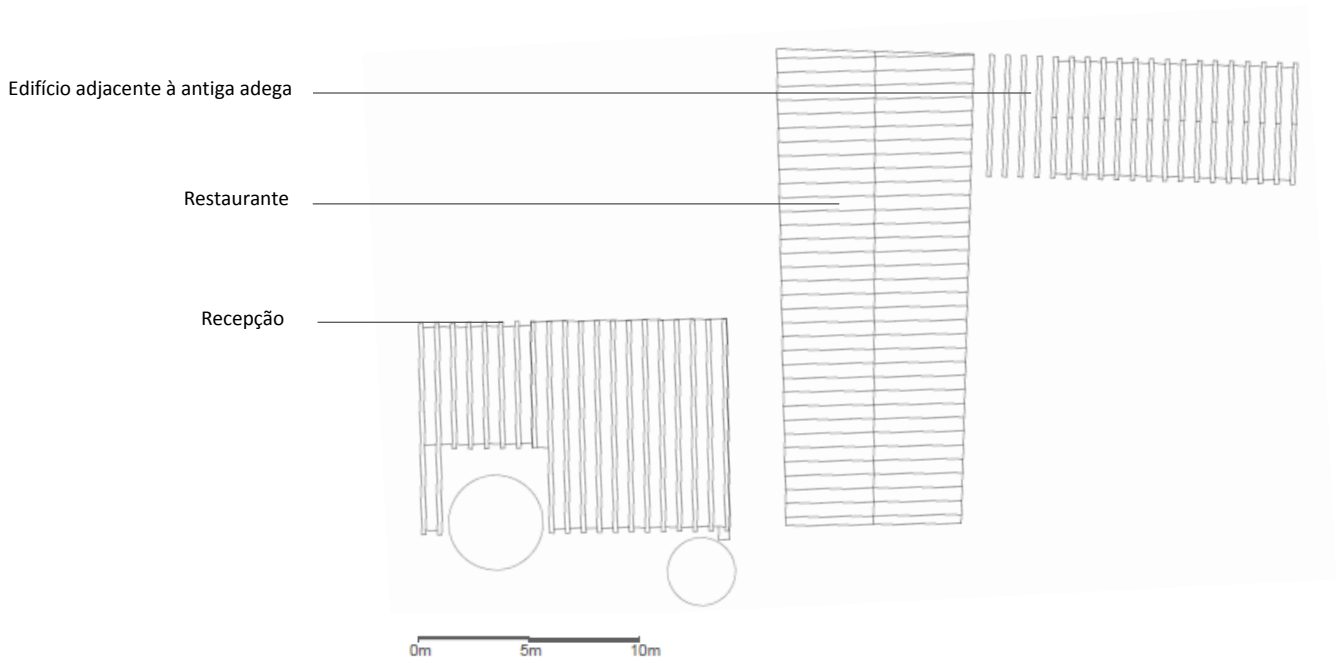


Fig. 124 Planta implantação | Recepção, Restaurante, Edifício adjacente à antiga adegas

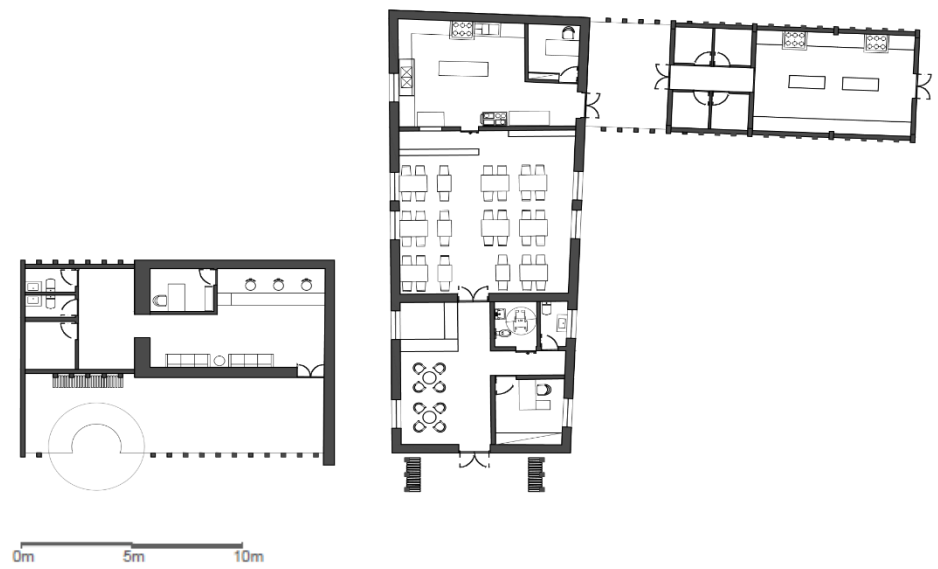


Fig. 125 Planta | Recepção, Restaurante, Edifício adjacente à antiga adegas

## Alojamento animal | quinta pedagógica

O alojamento animal da quinta pedagógica será o edifício de maiores dimensões introduzido neste projecto. Este, como construção nova encontra-se dentro da linha de imagem das restantes intervenções realizadas em madeira mantendo a imagem e coerência das novas intervenções.

Este edifício é exclusivo aos animais, ao seu alojamento e condições de conforto dos mesmos, contendo uma zona de veterinário, armazenamento de ração e feno, zonas para a limpeza e tratamento dos animais. Os animais a instalar aqui são essencialmente, gado bovino, gado caprino, gado suíno, e gado equíno.

O espaço para gado equíno é o de maiores dimensões, permitindo assim albergar o número suficientes de animais que possibilitem a realização de actividades equestres, sejam elas no picadeiro exterior ou passeios pelo terreno.

Na zona adjacente exterior prevê-se a criação de zonas de estar individuais para cada tipo de animal, de modo a que os visitantes possam observar a vida do campo. É nesta zona que é também localizado o picadeiro bem como pequenos apoios de jardim.

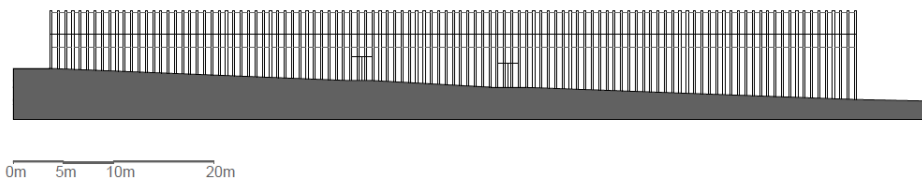


Fig. 126 alçado alojamento animal | Quinta pedagógica

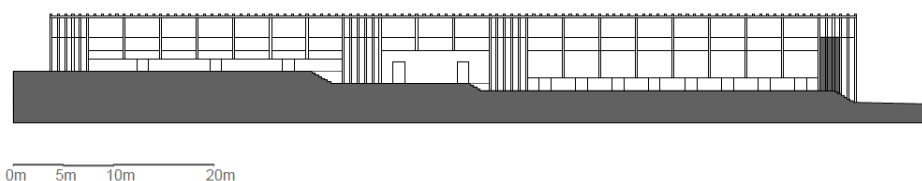


Fig. 127 corte alojamento animal | Quinta pedagógica

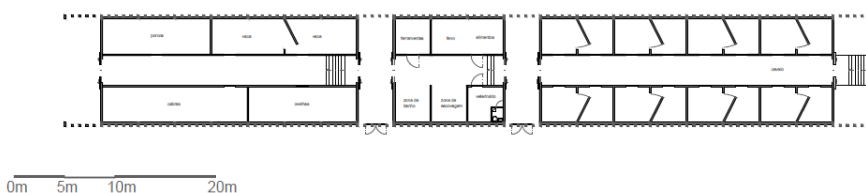
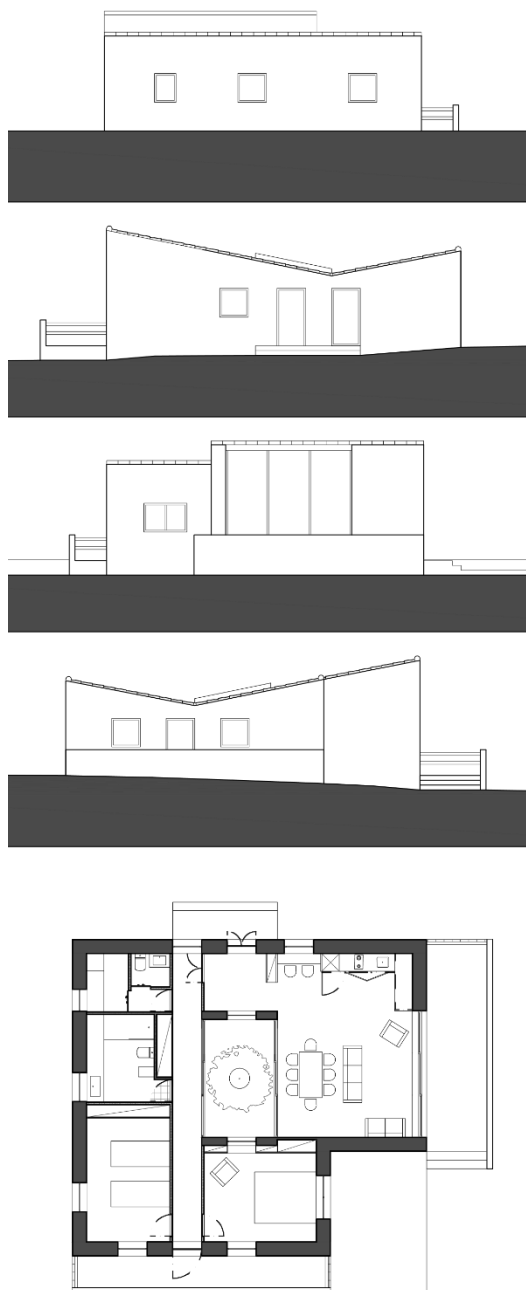


Fig. 128 planta alojamento animal | Quinta pedagógica



Fig. 129 imagem virtual | Tipologia “casa no lago”



0m 5m 10m

Fig. 130 alçados e planta | Tipologia “casa no lago”

## Alojamentos turísticos

Propõe-se os novos alojamentos turísticos a edificar, em duas tipologias diferentes, de acordo com as condições do terreno onde serão implantados, nomeadamente a topografia, flora e tipo de solo, bem como a exposição solar.

Estas tipologias tendem a diminuir a pegada ecológica pela sua aproximação ao sustentável através da valorização da ventilação e iluminação natural bem como da introdução de sistemas de aproveitamento de águas, levando deste modo à diminuição de gastos energéticos e mecânicos.

O primeiro tipo de alojamento, “casas no lago”, encontra-se na zona Este da propriedade. Por ser uma zona com solo muito argiloso, não favorável nem ao cultivo nem a plantações, nem a florestação, optou-se por prever neste local uma grande zona de alojamento turístico, que se desenvolve em torno de uma, também projectada, piscina biológica, perfeitamente enquadrável e adaptável a este tipo de solo.

Na pequena encosta que se encontra entre esta nova área turística e a zona privativa, prevê-se a plantação de amendoeiras. Estas criam uma barreira visual entre as duas partes distintas, bem como aumentam a flora e a beleza da paisagem, oferecendo também mais uma actividade agrícola à quinta, de fácil produção, tratamento e desenvolvimento.

Os alojamentos aqui situados, serão habitações que remetem para a memória das construções típicas da zona. Serão realizadas em taipa mas com uma concepção de características contemporâneas. São apartamentos tipo, que possuem quartos, sala de estar, kitchenette, instalações sanitárias e um pátio interior. Este, providencia uma zona privada à habitação bem como favorece a ventilação e iluminação natural. No seu exterior existem duas varandas em madeira e uma área de horta privativa permitindo também aqui aos hóspedes entrarem em contacto com as práticas agrícolas.

O segundo tipo de alojamento, “casas na árvore”, está integrado na zona Oeste da propriedade, zona onde a florestação, feita de pinheiros bravos, é densa. Enquanto os alojamentos “casas no lago” são de maiores dimensões, permitindo alojar famílias ou grupos, estes possuem apenas um quarto, uma pequena kitchenette e instalação sanitária.

No exterior prevê-se uma varanda através da qual, pela sua proximidade das copas dos pinheiros e dada a sua situação elevada, possibilitará uma observação e contacto mais profundo com a natureza, aliado ao potencial de isolamento e retiro, conceito sempre presente neste projecto.

Ao contrário da primeira tipologia de alojamento, as “casas na árvore” são totalmente realizadas em madeira. Este material é mais adequado a esta tipologia, quer pela integração, uma vez que estas casas se encontram envolvidas pela própria natureza, quer pelos aspectos construtivos pelo facto de estarem a um nível mais elevado que o solo, exigindo uma estrutura mais leve e adaptável.



Fig. 131 imagens virtuais |

Tipologia “casa no lago”

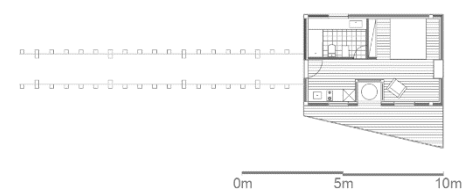
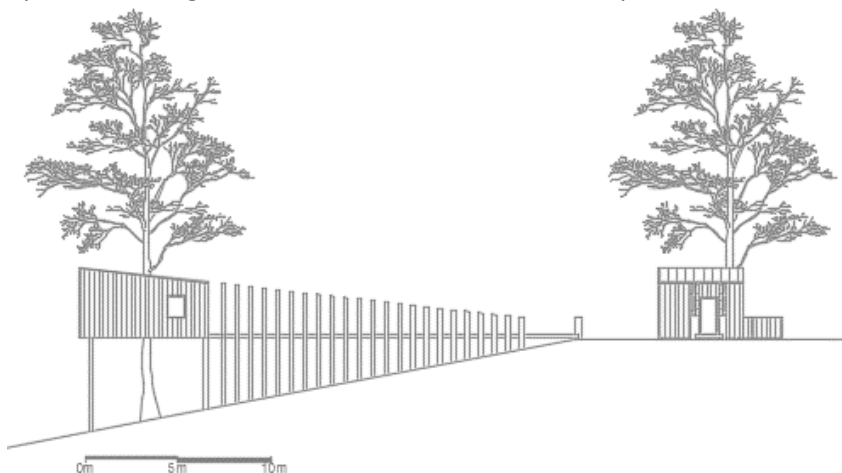


Fig. 132 planta | Tipologia “casa da árvore”

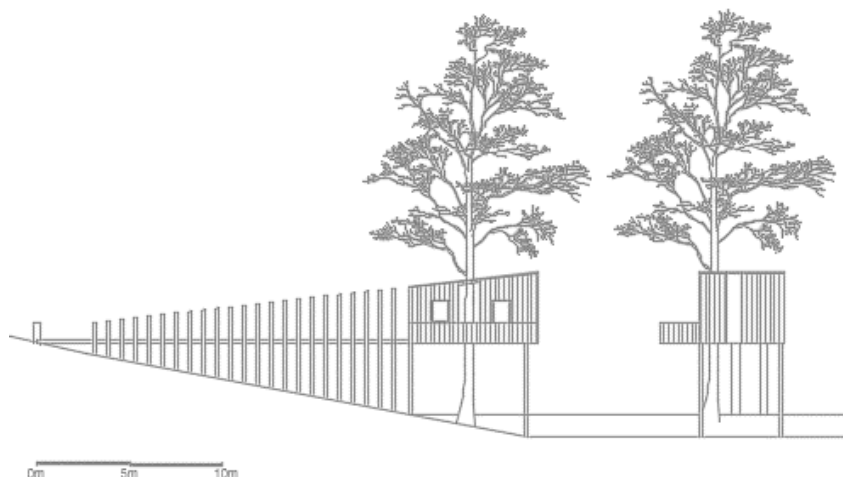


Fig. 133 alçados | Tipologia “casa da árvore”

## Percursos pedonais e áreas de lazer



Fig. 134 imagens virtuais | percursos e pontes

Os percursos a criar têm como objectivo unificar todo o terreno, que se encontra dividido como já referido em quatro partes, possibilitando assim aos visitantes e hóspedes disfrutar de toda a propriedade, entendendo-a como um todo. De modo a que a propriedade se entenda deste modo, serão criadas duas pontes que ligarão directamente três partes distintas da Samarra. No entanto como os edifícios que compõem o complexo turístico estão espalhados pelas diferentes parcelas, retalhadas pelas estradas públicas, será instalado um sistema de cartões que dão acesso ao interior do terreno podendo este estar vedado e protegido.

Existem dois tipos de percursos: os de terra batida e os de madeira.

Ao longo de todos os percursos, existem três bolsas de estacionamento destinadas ao turismo.

Os percursos de terra batida ligam a zona privada à zona turística que se situa no lago, à recepção e posteriormente às ruínas de alojamento. O percurso de madeira inicia-se nas ruínas de alojamento e está situado ao longo da parte florestal, ligando três parcelas de terreno distintas através de pontes também realizadas em madeira.

A terra batida é uma escolha adequada e viável para esta propriedade pois é permeável, de fácil manutenção e é uma solução natural e não invasiva, sendo também de baixo custo.

O percurso idealizado em madeira, acompanha as curvas de nível da encosta oeste, e integra-se na linguagem e imagem do ripado de madeira, criando uma uniformidade entre as habitações e o percurso. Neste, existem locais de descanso que proporcionam sombra durante o longo caminho e servem também de ponto de observação da natureza. As pontes também projectadas em madeira realizam a continuidade do percurso e unem as parcelas da quinta e asseguram mais uma vez a segurança da propriedade.

## 6 | Considerações Finais

A realização do presente trabalho permitiu que fosse feita uma reflexão a ser aplicada não só pelas conclusões, mas também pelas etapas do processo e o que estas podem acrescentar não só no projecto, mas também a título profissional e pessoal.

O projecto idealizado visa como objectivo a optimização e a reabilitação do património, a dinamização de uma propriedade parada, adaptando aos novos paradigmas da sociedade actual valorizando recursos naturais de forma sustentável e ecológica.

Tende-se que este seja exequível e aplicável no espaço referido. Por este motivo, ao longo do projecto foram tidos em conta diversos parâmetros orçamentais e pragmáticos, desta forma o nível de intervenção foi reduzido ao necessário de modo a manter e preservar as características naturais, agrícolas ecológicas. Ainda assim a dimensão do projecto ultrapassa o orçamento disponível, podendo-se, no entanto, recorrer a projectos europeus nomeadamente o “Portugal 2020”.

Depois da elaboração dos projectos idealizados para esta quinta de família, crê-se ser possível a realização dos mesmos com o fim de dar vida a esta quinta, criando novas memórias, e torná-la numa mais valia tanto para os proprietários, que deixarão a mesma para as gerações futuras, como para a cidade, considerando que este equipamento turístico oferecerá mais visibilidade à cidade de Abrantes.



## 7 | Referências Bibliográficas

### Bibliografia

Associação dos Arquitectos Portugueses, “*Arquitectura popular em Portugal*”, 2ª Edição: Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa 1980

Bachelard, Gaston, “*A poética do Espaço*”, Martins Fontes, São Paulo, 1998

Choay, Françoise, “*A alegoria do Património*”

Domingues, Álvaro, “*Vida no Campo*”, Dafne Editora, 2012

Dominguez, Javier, “*Recuperar la memória: arquitectura y legado histórico*” 1980-2005, Ediciones Generales de la construcción, Valencia

Gili Galfetti, Gustau. “*minha casa, meu paraíso, a construção do universo doméstico ideal*”, Editorial Blau, 1999

Halbawach, “*memória colectiva*”

Huysen, Andreas. “*Seduzidos pela memória: Arquitectura, monumentos, mídia*”, Aeroplano, Rio de Janeiro, 2000

Infante, Sérgio, “*Autenticidade continuidade e mudança*”, *Arquitectura e vida* nº15, Lisboa, Abril 2001

Meneses, Ulpiano T.B., “*O Campo do Património Cultural: Uma revisão de Premissas*”, I Forum Nacional do Património Cultural

Morin, Edgar, “*Pensar global agir local*”

Norberg, Schulz, Christian. “*Genius Loci: towards a phenomenology of architecture*”, rizzoli, New York, 1980

Perdigão, José de Azeredo. “*Arquitecturas de terra*”, Litografia Tejo, Lisboa 1993

Rudofsky, Bernard, “*architecture without architects*”, Doubleday & Company, Inc., Garden City, New York, 1964

Speller, Gerda M., “*A Importância da Vinculação ao Lugar*”, in *Contextos Humanos e Sociais e Psicologia Ambiental*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005

Zumthor, Peter. “*Penser l’architecture*”, Birkhäuser, 2006

Conferência | Jornadas europeis do Património Comunidades e Culturas, LNEC, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, setembro 2016

PUCP-FAU 2012-2 Prof. S. Rodriguez-Larraín, J. Vargas, T. Montoya | SEMINARIO DE ARQUITECTURA EN TIERRA *Arquitectura histórica, vernácula y contemporánea.*

## Cartas

Convenção para a protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, Paris, 17 de Outubro a 21 de Novembro, 1972;

Carta de Washington, Carta Internacional para a salvaguarda das cidades Históricas, ICOMOS, 1987;

Carta Internacional sobre o Turismo Cultural, ICOMOS, cidade do México, 17 a 23 de Outubro, 1999;

Carta del Restauro (detta carta del Boito) 3º Congresso degli ingegneri e Architetti italiani – Camillo Boito, Roma, 1883;

Carta de Atenas, Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos, Serviço Internacional de Museus, Atenas, 21 a 30 de Outubro 1931;

Carta de Veneza, II Congresso Internacional de arquitectos e técnicos dos Monumentos Históricos, ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Escritório, Maio, 1964

## Legislação

Decreto - Lei nº 15/2014, de 23 de Janeiro;

Decreto – Lei nº 128(2014, de 29 de Agosto;

Portaria nº 937/2008, de 20 de Agosto;

Portaria nº 465/2008, de 23 de Abril;

Decreto – Lei nº 39/2008, de 7 de Março;

Plano Director Municipal, Resolução do Conselho de Ministros nº 51/95, 12 de Novembro, 1994

## Webgrafia

<http://www.cm-abrantes.pt>

<http://www.dgadr.mamaot.pt/>

<http://www.archdaily.com>

<http://www.jular.pt>

<http://www.thehorse.com>

<http://www.unh.edu>

<http://www.fao.org>

<http://www.horsekeeping.com>

<http://www.alansfactoryoutlet.com>

<http://www.lagoas.cm-pontedelima.pt>

<http://www.terrasdeportugal.wikidot.com/abranes>

<http://www.anna-heringer.com>

<http://www.portaldojardim.com>

<http://www.panoramio.com>

<http://www.leme.pt>

<http://www.origens.pt>

<http://www.patrimoniocultural.pt>

<http://www.portal.iphan.gov.br>

<http://www.whc.unesco.org>

<http://www.mestrado-reabilitação.f.a.utl.pt>



## 8 | Anexos

Anexo 1 | Inquérito Realizado aos proprietários da Quinta da Samarra

Anexo 2 | PAINEL 01, LEVANTAMENTO

Anexo 3 | PAINEL 02, LEVANTAMENTO

Anexo 4 | PAINEL 03, LEVANTAMENTO

Anexo 5 | PAINEL 04, LEVANTAMENTO

Anexo 6 | PAINEL 05, LEVANTAMENTO

Anexo 7 | PAINEL 06, LEVANTAMENTO

Anexo 8 | PAINEL 07, PROPOSTA

Anexo 9 | PAINEL 08, PROPOSTA

Anexo 10 | PAINEL 09, PROPOSTA

Anexo 11 | PAINEL 10, PROPOSTA

Anexo 12 | PAINEL 11, PROPOSTA

Anexo 13 | PAINEL 12, PROPOSTA

Anexo 14 | PAINEL 13, PROPOSTA

Anexo 15 | PAINEL 14, PROPOSTA

Anexo 16 | PAINEL 15, PROPOSTA

Anexo 17 | PAINEL 16, PROPOSTA

Anexo 18 | Fotografias maquetes, esc 1:2000; esc 1:100; esc 1:50

Anexo 19 | Plano de Urbanização: Carta de ordenamento; Categorias do solo

Anexo 20 | Plano de Urbanização: Espaços constitutivos; Espaços rurais de ocupação dispersa

Anexo 21 | Plano de Urbanização: Áreas inundáveis

Anexo 22 | Tabela relativa ao dimensionamento de áreas destinadas ao alojamento animal



## Título | Reabilitar as memórias de uma quinta

Tema | Reabilitação da arquitectura rural, dos modos, dos usos

### Questões essenciais:

- Como dar mais utilidade à quinta;
- Como preparar a quinta para as gerações futuras respeitando a história e a memória dos antepassados;
- Como adaptá-la aos novos paradigmas de economia e sustentabilidade;
- Como voltar a oferecer a este espaço vida agrícola enquadrada no contexto das vivências e da família responsável por este lugar, nos dias de hoje.

### Objectivos:

- Respeitando o espírito do lugar, a sua história e as pré-existências arquitectónicas, tem-se como objectivo reabilitar a quinta a nível funcional, para que esta não seja apenas um lugar de estadia e possa ser, como outrora, sustentável.

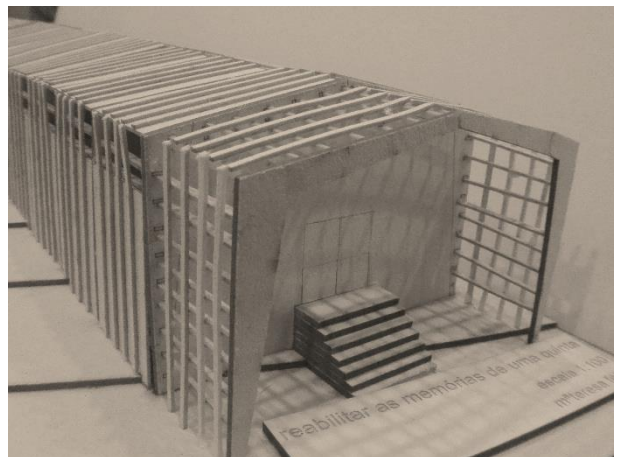
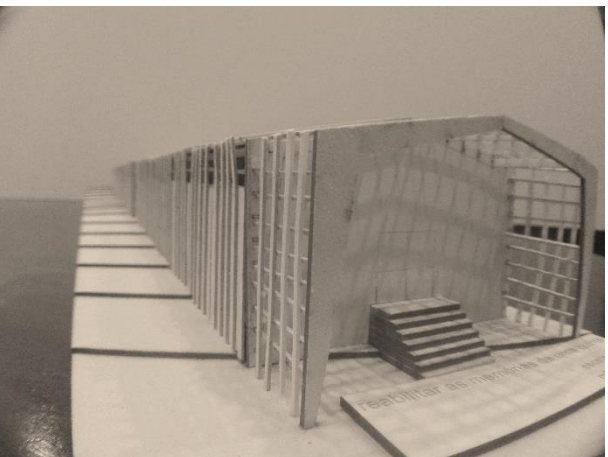
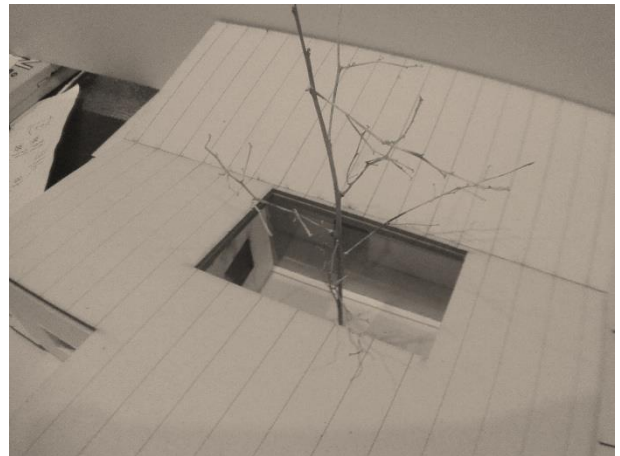
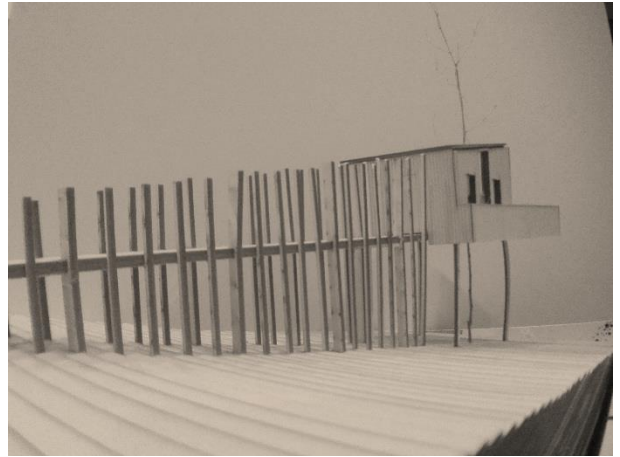
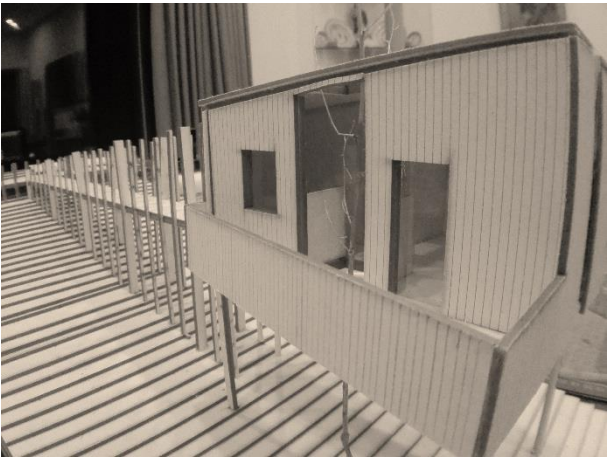
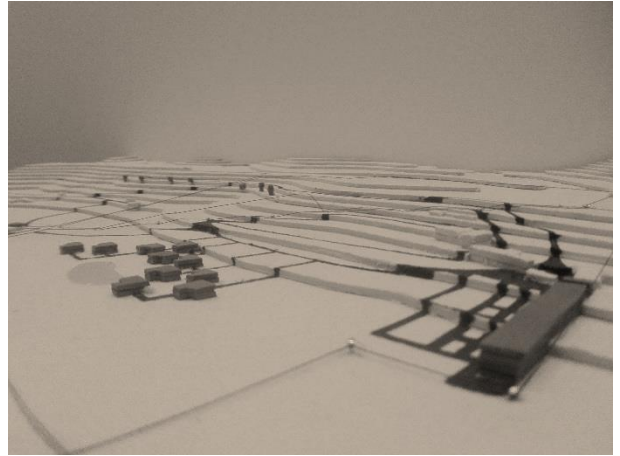
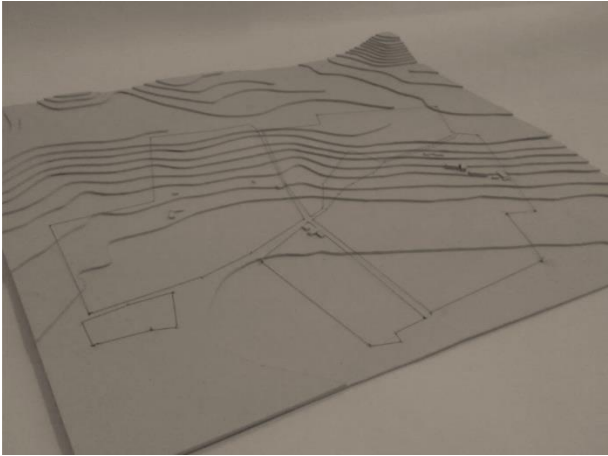
#### 1. Programa:

- a) Lagar: Zona comum (residencial/privada);
- b) Casa velha: Reabilitar;
- c) Casa nova: Novo projecto de habitação, agregada à casa velha;
- d) Casa caseiros: Habitação para caseiros;
- e) Zonas de trabalho e de animais: Reabilitar as construções existentes e criar novas que sirva de apoio às novas funções agrícolas e etc.
- f) Adega: Restaurante | Recepção
- g) Ruínas: Turismo rural
- h) Restante propriedade: Flora: Novas produções e culturas  
Fauna: Novas explorações (hipico, galinheiro?)

#### 2. Inquérito:

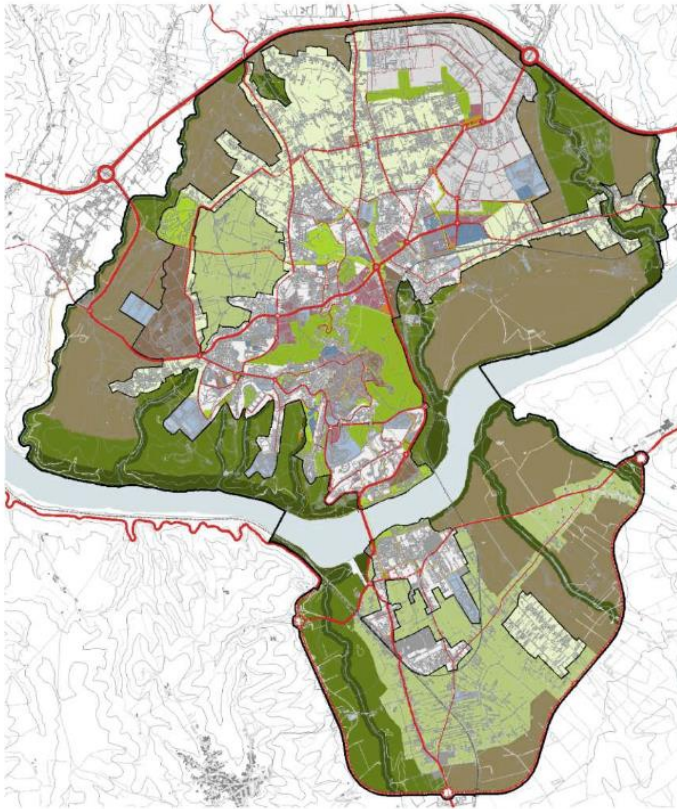
- a) A nível do contexto urbano, à escala da cidade de Abrantes o que será mais proveitoso existir na samarra de modo a que esta se torne sustentável?
- b) Que actividades e produções criar para ter uma fonte de rendimento?
- c) Que culturas de produção?
- d) Outras ideias?







## Plano de Urbanização de Abrantes



### Espaços Canais

- Rede rodoviária
- .... Rede ferroviária
- Rede pedonal

### Solo Urbano

- Espaços centrais
- Espaços de uso especial
- Espaços para atividade económicas
- Espaços residenciais
- Verde urbano
- Espaços urbanos de baixa densidade

### Solo Rural

- Espaços rurais de ocupação dispersa
- Espaços de conservação
- Espaços agrícolas
- Espaços florestais
- Outros espaços em solo rural

## Carta de Ordenamento



### CATEGORIAS DE SOLO

- Limite do Plano
- Perímetro Urbano
- Linhas de Água

#### Espaços de Conservação

- Galerias Ripícolas
- Espaços Agrícolas de Conservação
- Espaços Florestais de Conservação

#### Espaços Agrícolas

- Espaços Agrícolas de Policultura
- Espaços Agrícolas de Produção

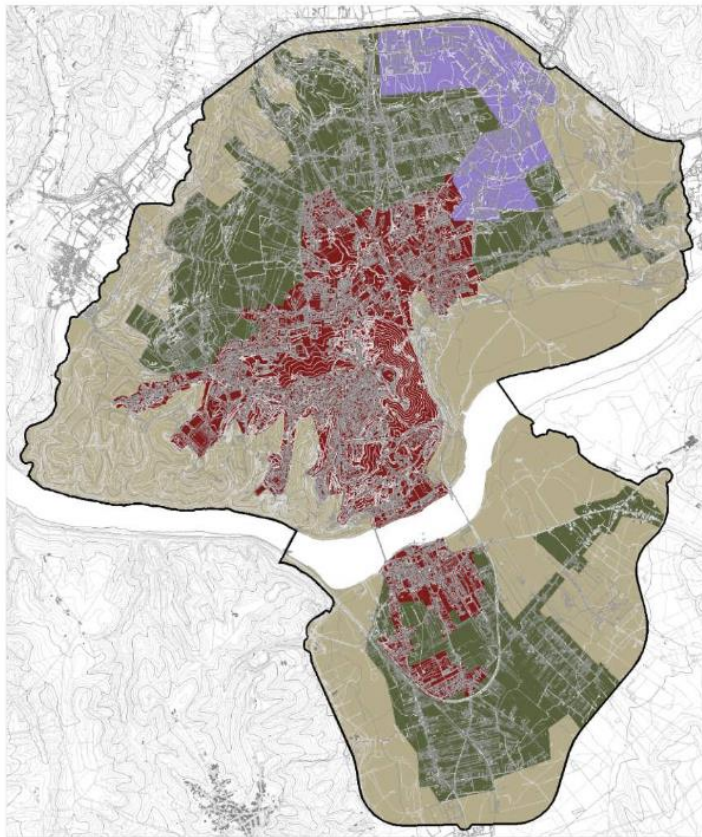
#### Espaços Florestais

- Espaços Florestais de Baixa Combustibilidade
- Espaços Florestais de Produção

#### Outros Espaços

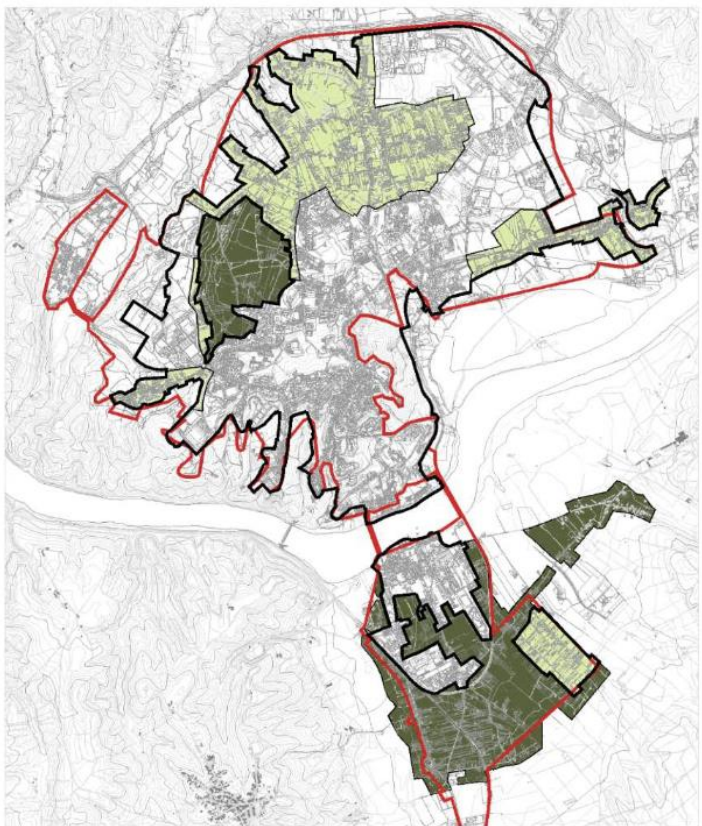
- Espaço Rural de Ocupação Dispersa (Solo Rural)
- Espaço Verde Público Urbano (Solo Urbano)
- Espaço Verde Público de Proteção (Solo Urbano)

## Categorias de Solo



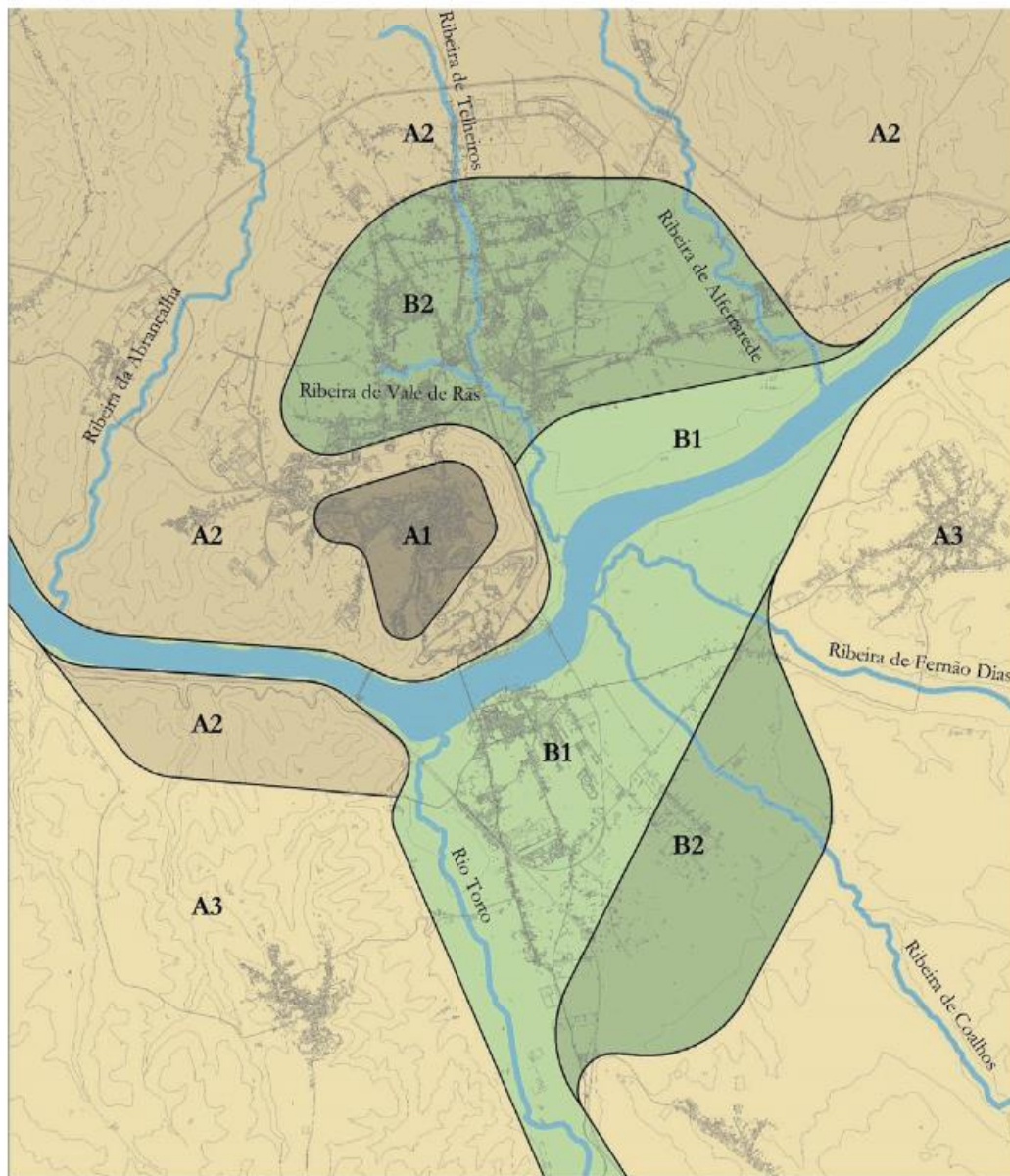
- Área do Plano
- Urbano consolidado/ a consolidar
- Industrial
- Urbano-Rural
- Agroflorestal

Espaços constitutivos



- Perímetro urbano em vigor
- Perímetro urbano proposto
- Espaços urbanos de baixa densidade
- Espaços rurais de ocupação dispersa

Espaços rurais de ocupação dispersa



Áreas inundáveis

### Suggested Space and Housing Guidelines for Fully Mature Farm Animals

Animal	Horse	Beef Cow	Dairy Cow	Dairy Goat	Pig	Sheep	Hen	Broiler	Turkey
<b>Unit</b>	1 horse	1 cow	1 cow	1 goat	1 pig	1 sheep	1 hen	1 broiler	1 turkey
<b>Enclosed Housing Area/Animal</b>	-Tie stalls 45 sq. ft.; 5' x 9' - Box stall 12' x 8' or 10' by 10'	75-100 sq. ft.	75-100 sq. ft.	20-25 sq. ft.	48 sq. ft. with exercise yard; 100 sq. ft. without exercise yard	20-25 sq. ft.	3-4 sq. ft.	3-4 sq. ft.	6 sq. ft.
<b>Exercise Yard Area/Animal</b>	200 sq. ft.	100-125 sq. ft.	100-125 sq. ft.	50 sq. ft.	200 sq. ft.	50 sq. ft.	10 sq. ft.	-----	20 sq. ft.
<b>Pasture Area /Animal</b>	1-2 acres	1-2 acres	1-2 acres	0.2-0.3 acres	12-14 sows/ acre/ rotational pasture	0.2-0.3 acres	-----	-----	100 sq. ft.
<b>Type of Housing and Boundary Setback</b>	Enclosed ventilated barn or open 3-sided barn Setback 50 ft.	Open front 3-sided barn Setback 50 ft.	Open front 3-sided barn, free-stall or enclosed stanchion barn Setback 50 ft.	Enclosed barn with removable side panels or windows Setback 50 ft.	Enclosed barn, huts, shed, hutches or lean-to Setback 50 ft.	Open front 3-sided shed Setback 50 ft.	Enclosed barn Setback 50 ft.	Enclosed barn Setback 50 ft.	Enclosed barn Setback 50 ft.
<b>Fencing</b>	Electric Wooden rail Woven wire	Barbed wire Electric Woven wire	Barbed wire Electric Woven wire	Electric Woven wire	Electric Plank rail	Electric Woven wire	Chicken wire	-----	Chicken wire
<b>Family Needs</b>	1 horse per family member	½ - 1 beef animal/year; raise 2 animals/yr to provide cont. supply	1-2 cows	2-3 goats	2 pigs per yr.	6 sheep	6 hens	24 broilers	12 turkeys

6/09

Tabela relativa ao dimensionamento de áreas destinadas ao alojamento animal  
(<http://www.horsekeeping.com>)